

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO

Rodrigo Rocha Gomes

NARRAÇÃO ESPORTIVA NA TELEVISÃO

Precisão, Emoção e Informação

Juiz de Fora
Julho de 2015

Rodrigo Rocha Gomes

NARRAÇÃO ESPORTIVA NA TELEVISÃO

Precisão, Emoção e Informação

Monografia apresentada ao curso de Comunicação Social – Jornalismo da Faculdade de Comunicação da UFJF como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharel.

Orientador: Prof. Dr. Márcio de Oliveira Guerra

Juiz de Fora
Julho de 2015

Rodrigo Rocha Gomes

Narração Esportiva na Televisão:

Precisão, Emoção e Informação

Monografia apresentada ao curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel.

Orientador: Professor Doutor Márcio de Oliveira Guerra – UFJF

Aprovado pela banca composta pelos seguintes membros:

Prof. Dr. Márcio de Oliveira Guerra (UFJF) - orientador

Prof. Dr. Álvaro Eduardo Trigueiro Americano (UFJF) - convidado

Prof. Dr. Ricardo Bedendo (UFJF) - convidado

Conceito obtido: _____

Juiz de Fora, _____ de _____ de 20__.

Dedico este trabalho aos meus familiares e amigos, que tanto me apoiaram nessa caminhada. Principalmente à minha Mãe, que fez o impossível por mim até aqui.

AGRADECIMENTOS

“Hoje não, hoje não, hoje sim... hoje sim!?!?” Hoje sim. De forma inacreditável, após saltar por cima de todas as barreiras, vencer os obstáculos, alcanço a linha de chegada. Se consegui alcançar este objetivo, cumprir mais esta etapa na vida, não o fiz sozinho. E sou eternamente grato a Deus, por ter colocado as pessoas certas, nos momentos certos, em minha vida.

Agradeço, em primeiro lugar, a minha família. Sem ela, eu não teria a base que precisei para me apoiar. Ela é o motivo pelo qual tenho a certeza de que todos os esforços valem a pena.

À minha Mãe, por fazer o impossível por mim. Por ser desde sempre, uma guerreira, que luta a cada dia com seu incrível dom de amar. Por me cobrar responsabilidade e compromisso com as minhas obrigações. Por me ensinar que tudo é recompensado quando encaramos nossos desafios com honestidade e dedicação.

Ao meu Pai, por ser um exemplo para mim. Por me apoiar e me ensinar a ter calma e fé de que tudo dará certo no final.

Ao meu irmão Gabriel, companheiro de todas as horas. Quem diria que, com tantas diferenças, faríamos a mesma faculdade e seguiríamos caminhos parecidos na carreira? Na verdade, acho é que somos iguais demais. Obrigado por ser meu melhor amigo.

Ao meu irmão Rafael, pela sua alegria e torcida. Obrigado, Rafa, por fazer eu me sentir especial. Fico muito feliz sempre que você pergunta quando vou dormir na sua casa, porque sinto que gosta de estar comigo.

Ao Telmo, por todo apoio e ajuda que me ofereceu sempre que precisei e por cuidar tão bem da minha Mãe.

À Aline, por todo o carinho que sempre teve comigo, pelas conversas e risadas e pela torcida, claro.

À minha Avó, por, assim como a minha Mãe, me ensinar o que é o amor de verdade, por me ensinar a valorizar sempre a família e por ser uma pessoa a quem tenho como exemplo. Também agradeço pelas orações e por todas as vezes que me perguntou se eu iria me formar mesmo. Essas perguntas me motivaram a não desapontá-la.

À Ê, pela orações, amor, torcida. Agradeço por ser minha segunda Mãe.

À Júlia, por ser minha maior companheira, meu amor, minha correspondente em Juiz de Fora.

À Tatati, por sempre ter me amado e apoiado. E por sempre ter sido minha irmãzinha, seja na “camona” ou no Rio.

À minha Prima-Irmã (devolvendo o parentesco criado por você em seu agradecimento de monografia, anos atrás) Titta, por ser uma das maiores influências para eu seguir a carreira de jornalista.

Ao meu Tio Luiz, por ser meu maior exemplo profissional. Por sempre me orientar e me ensinar a ser Jornalista.

Agradeço também a todos os profissionais com quem trabalhei em meus estágios. Agradeço ao Ivan Elias e ao Toque de Bola, por ter aberto as portas para mim e me dado a oportunidade de ter a certeza de que estava no caminho certo. À Rádio Solar e aos que lá trabalharam comigo, por terem me oferecido de tudo: desde ler receitas até narrar final de campeonato de várzea. Agradeço ao SporTV, por ser minha maior oportunidade, por ter me abraçado e feito eu crescer como profissional. Obrigado aos amigos do SporTV, por terem acolhido este mineiro tentando a sorte na cidade grande.

Agradeço, com um carinho especial, a Rádio Facom, por ser a minha maior escola.

Gostaria de agradecer a todos os meus amigos, que desde o início da faculdade me tiravam dos compromissos para me divertir. Sem essas aventuras, não teria forças para chegar até aqui. Aproveito o espaço para agradecer o Thiago e o Igor, que viraram irmãos no Rio de Janeiro e, incrivelmente, me apoiaram a terminar este trabalho. Os próximos serão vocês!

Para finalizar, preciso agradecer de forma especial três pessoas fundamentais nesta caminhada. A Professora Letícia, que torceu e se esforçou ao máximo para me ver longe, formado. Fez tudo o que estava ao seu alcance, e o que não estava também, para ajeitar a minha vida acadêmica e possibilitar a formatura. Obrigado! Agradeço também ao Professor Álvaro, que, assim como a Letícia, se esforçou para me ver fora da Facom. Você, Álvaro, me perguntou certa vez na secretaria: “vai se formar né, Rodrigo?”. Vou sim, Álvaro, e você é um dos culpados. O meu último agradecimento é para um Mestre, que me acolheu como filho no início da faculdade. Foi além do ensino profissional, foi amigo. Foi um grande parceiro nessa caminhada. Foi o responsável pelas minhas primeiras oportunidades e claro, teria de ser meu parceiro na minha última etapa na faculdade. Permita-me, amigo, te chamar apenas pelo nome. Obrigado, Márcio!

RESUMO

A narração esportiva faz parte da televisão brasileira desde a sua chegada ao país, na década de 50 do século passado. Com o passar dos anos, tanto o veículo, quanto a narração, foram se desenvolvendo até chegar aos moldes atuais. Porém, escolas diferentes criaram estilos diferentes de transmissões. Com o objetivo de identificar o que seria um modelo ideal de narração esportiva em televisão, foram entrevistados telespectadores e narradores. Através de suas opiniões, foram analisadas as características específicas e para compreender melhor a forma como é atualmente, foram estudados seus precedentes. O jornalismo, como forma de democracia; em tempo real; e sua prática. Para estudar a narração em si, foi abordada a origem da mesma, de forma geral e no âmbito esportivo.

Palavras-chave: Futebol. Jornalismo. Narração. Televisão.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	08
2 JORNALISMO ESPORTIVO NA TELEVISÃO	10
2.1 JORNALISMO	10
2.2 JORNALISMO ESPORTIVO	20
3 O QUE É NARRAR	24
4 NARRAÇÃO ESPORTIVA NA TV	29
4.1 O INÍCIO DAS TRANSMISSÕES ESPORTIVAS NA TV	29
4.2 O DESAFIO DA NARRAÇÃO NA TV	33
5 ESTUDO DE CASO	37
5.1 NARRADORES	37
5.2 TELESPECTADORES	48
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
REFERÊNCIAS	57
ANEXOS	59
ANEXO 1 – PERGUNTAS AOS NARRADORES	59
ANEXO 2 – PERGUNTAS AOS TELESPECTADORES.....	60
APÊNDICES	62

1 – INTRODUÇÃO

Neste trabalho, estudamos a narração esportiva em televisão. Pretendemos descobrir quais são as principais características, peculiaridades e especificidades deste tipo de narração. Pretendemos descobrir quais são as características fundamentais de um narrador e seus deveres em uma transmissão para agradar o público. Procuramos entender também, portanto, a maneira do público avaliar uma transmissão.

A escolha desse tema foi feita a partir de dois caminhos. O primeiro deles, o meu objetivo profissional: ser narrador esportivo. O segundo, o meu período de estágio no SporTV, principal canal especializado em esportes da televisão brasileira.

Esses dois caminhos se encontram em 2014. Porém, começaram muitos anos antes. Em 1998, aos cinco anos de idade, acompanhava conscientemente minha primeira Copa do Mundo (em 1994, com apenas um ano, não era capaz de entender o que estava acontecendo). Apesar da pouca idade à época, tenho memórias frescas daquele mundial.

Na estreia, vitória brasileira sobre a Escócia, estava viajando. No hotel, assisti e comemorei o resultado de 2x1. Porém, é do jogo entre Brasil e Marrocos a minha primeira lembrança de atuar como narrador. Ronaldo fez 1x0 aos nove minutos de jogo e Galvão Bueno, que narrava o jogo na TV Globo, gritou “Gol”, seguido de “RRRRRRRRRonaldinhooo!!!”. Foi este “RRRRRRRonaldinho” de Galvão Bueno, que repeti, mantendo o “R” por cerca de dez minutos, o meu primeiro ato como narrador. O segundo veio minutos depois: “Ri-Ri-Ri-Ri-Ri-Rivaaaaaldo!!!”, gritou o narrador no segundo gol brasileiro e eu, claro, repeti.

Foi neste momento que, mesmo com cinco anos de idade, cheguei à conclusão de que queria ser narrador de futebol. A partir daí, valia de tudo: narrar futebol de botão e jogo de videogame; imaginar, durante o banho, que estava narrando um jogo; colocar a TV no mudo e narrar a partida; e tudo mais que pode ser narrado.

Assim foi durante a infância até 2011, quando começou a ficar sério: na rádio da faculdade, me tornei narrador. Narrei Liga dos Campeões, Eurocopa, e pude, 15 anos depois, inspirado por aquele “RRRonaldinho”, narrar “Neymaaaaarrrr”.

Em 2012, narrei pela primeira vez em um estádio de futebol. O jogo era Tupi e Caxias, Série C do Campeonato Brasileiro. Empate em 2x2. Quatro gols logo na minha estreia. E ali, olhando para o gramado, vendo a torcida comemorar, gritei “Ademiiiiiiiilsoooooon” aos 47 do

segundo tempo, gol de empate do Tupi. Confirmei que o garoto de cinco anos de idade tinha feito a escolha certa.

O passo seguinte foi ir para a Rádio Solar, de Juiz de Fora, pela qual narrei até final de torneio de futebol de várzea, no barro, usando bota ortopédica (adquirida após uma lesão que confirmou que jogador eu não poderia ser), vitória do Tô Maluco sobre o Chapadão.

Foi aí então que o meu desejo profissional se cruzou com o estágio no maior canal de esportes do país. Em 2014, fui aprovado como estagiário no SporTV, onde continuo até hoje. Ainda não narrei jogos pelo canal, mas já estou treinando e me preparando para realizar este sonho. No entanto, foi no canal, acompanhando o trabalho dos narradores, que muito aprendi e sigo aprendendo.

Para continuar com esse meu sonho, conto agora, com a ajuda deste trabalho. Entrevistando narradores e público, posso agora afirmar que sei quais são os ingredientes da receita desse bolo. Mais para frente, vamos ver que o segredo está no modo de fazer.

Este trabalho só foi possível pela orientação do Professor Márcio Guerra. Este eterno craque dos microfones, tirou a caneta do bolso e me mostrou o caminho mais curto para o gol.

Estudamos a chegada do futebol no Brasil e seu desenvolvimento, que foi paralelo ao do Rádio. Através dos autores que estudamos, entendemos que o jornalismo, com sua necessidade de informação em tempo real, usou e abusou do rádio para se aproximar do futebol e do público. Posteriormente, surgiram outros meios, como a televisão, que deu uma nova cara à cobertura esportiva e às transmissões, como veremos a seguir.

Para compreender melhor o tema, também estudamos sobre narração. Discutimos o que é narrar, fora do âmbito esportivo, para entender o que acontece durante uma transmissão. Como vamos mostrar, narrar é, basicamente, contar uma história. Procuramos entender como se conta a história de um evento esportivo.

Fundamental em nosso trabalho foram as entrevistas com o público e com os narradores. Entrevistamos telespectadores comuns, pessoas que assentam em frente a televisão para acompanhar um jogo de futebol e procuramos saber delas o que pensam e o que procuram enquanto acompanham o trabalho de um narrador. Os principais profissionais da narração esportiva em televisão do país foram entrevistados por nós. Conversamos com Luís Roberto, Cleber Machado, Luiz Carlos Junior, Milton Leite e outros nomes. Através das experiências vividas e adquiridas, eles nos contam como trabalham, seus métodos, suas maneiras de narrar, acrescentando um fantástico acervo à nossa pesquisa. É a partir dessas ilustres participações, que convidamos você para essa leitura. Bom proveito!

2 – JORNALISMO ESPORTIVO NA TELEVISÃO

Neste capítulo vamos abordar o Jornalismo Esportivo. Mais a frente, no capítulo 5, vamos perceber que uma das características primordiais em uma transmissão esportiva na televisão é a informação. O narrador deve, o tempo inteiro, como veremos, informar o telespectador sobre o que está acontecendo. Para melhor compreender a informação na narração esportiva, precisamos conhecer como as informações são preparadas. Informação que é a alma do jornalismo, seu fio condutor. Portanto, para compreender este fenômeno, precisamos estudar o jornalismo esportivo, e antes de saber quais são suas origens, precisamos entender o que é o jornalismo e qual o seu processo de produção.

2.1 - JORNALISMO

O jornalismo e sua atuação na sociedade são o alvo preferencial das mais variadas críticas na atualidade. Em relação a eles, esquerda e direita, sociedade civil e governo, ricos e pobres sempre têm algo a reclamar, embora certamente em proporções diferentes. Uma atividade que se desenvolve na esfera pública social e que adquiriu tamanha importância no contexto democrático, entretanto, não poderia estar imune a tal consequência. As reclamações, nesse caso, fazem parte da conjuntura de liberdade e pluralidade em que o jornalismo moderno se forjou e está inserido na contemporaneidade.

No centro dessa discussão está o principal produto jornalístico, a informação, sem o qual seria impossível imaginar a vida em sociedade hoje em dia. A informação é o resultado da mediação jornalística que possibilita ao público o conhecimento dos fatos atuais. É especialmente em relação ao trabalho de produção informativa que diferentes grupos e indivíduos se manifestam, julgando positiva ou negativamente o desempenho dos jornalistas e do jornalismo em geral.

De acordo com Benedeti (2006), a democracia é, sem dúvida, fundamental para a caracterização da atividade jornalística. Ela afirma que o sistema democrático é um processo permanente de estabilidade. Victor Gentili (2005) confirma esse argumento.

O regime democrático se fundamenta na igualdade jurídica de direitos individuais e políticos dos cidadãos – para que possam se defender do poder do Estado e participar das decisões políticas. O exercício pleno da cidadania na democracia, portanto, pressupõe que o cidadão conheça os seus direitos e as ações do Estado. (GENTILI, 2005)

Paulo Fernando Silveira (2001), lembra que “o direito de informar está intimamente relacionado ao direito de ser informado, constituindo um binômio indissociável” e destaca dois aspectos da manifestação.

Inseridos no direito da livre manifestação do pensamento encontram-se, naturalmente: a) a livre expressão da palavra, pelo livre discurso, oral ou impresso, que constitui o direito de informar e discutir as ideias, e o seu viés necessário; b) o direito de livremente ser informado, ou de ser livre recipiente dessa informação ou ideias. (SILVEIRA, 2001, apud Benedeti, 2006).

Visto a relevância do jornalismo frente à democracia, há de se saber quais são os princípios que o regem. A forma como se configurou historicamente a atividade jornalística foi profundamente influenciada pela ideia de objetividade.

Ideia esta que surge, no campo da ciência, tributária de uma visão positivista, de acordo com a qual o processo de apreensão dos fatos e dados da experiência que baseiam o conhecimento deve se dar sem a interferência da subjetividade humana. Implícita nessa visão está a vinculação entre verdade e realidade. Segundo Chauí (1995, p. 106), a “teoria da verdade como correspondência entre coisa e ideia, fato e ideia, liga-se à concepção realista da razão e do conhecimento, isto é, à prioridade do objeto do conhecimento, ou realidade sobre o sujeito do conhecimento”. Nesse sentido, entende-se que um conhecimento produzido a partir de condutas metodológicas rigorosas, livres dos valores do sujeito pesquisador, seria capaz de apreender a realidade dada de forma isenta (objetiva) e, em consequência, revelar a verdade pela exposição descritiva de seus resultados.

Outro princípio vem da semelhança entre o jornalismo e a democracia, que, como já demonstramos, desenvolveram-se sob uma relação de mútuo fortalecimento; e essa relação influenciou tanto o conceito de jornalismo quanto o conceito de democracia. Na prática profissional e nos relatos jornalísticos, os ideais democráticos de liberdade, igualdade e pluralismo se fizeram presentes, principalmente, segundo MONTEIRO (2014): 1) na concepção do jornalismo como uma ferramenta de emancipação do público, 2) no direito de execução do jornalismo livre de interferências ou censura; 3) na defesa da universalidade de temas e fatos abordados pelo jornalismo; 4) no respeito à pluralidade de opiniões que eles suscitam.

Um terceiro aspecto jornalístico é o interesse público. Desde o momento em que o jornalismo adquiriu função social, relegando ao passado a representação de interesses exclusivamente particulares (individuais ou de grupos), recebeu da sociedade uma procuração

moral, não oficial – embora seus fundamentos tenham sido, com o passar dos anos, legalmente incorporados às Constituições democráticas –, para dar visibilidade (publicidade e transparência) às coisas públicas e de interesse público. Por isso, em tese, “o jornalismo é uma atividade essencial e genuinamente pública, tanto quanto a política e a administração pública” MOTTA (1990).

Podemos abordar como um quarto aspecto, a necessidade de informar o que acontece no momento, na atualidade. O anseio por informações sobre os acontecimentos atuais é muito anterior ao período moderno. Segundo Nilson Lage (2006, p. 23), já em 69 a.C. o interesse pela informação periódica se fazia notar pelo registro das atas diurnas¹⁶ no Império Romano, quando “Júlio César determinou que os ‘atos do povo e do senado romano’ fossem diariamente publicados no fórum”. Contudo, foram as condições sociais, políticas, econômicas e tecnológicas da modernidade que permitiram a conformação de um modelo de mediação jornalística centrado na informação atual. Essas mesmas condições atribuíram maior importância à passagem do tempo nas sociedades ocidentais; conseqüentemente, intensificaram a pressão temporal no jornalismo.

O jornalismo não pode apenas informar. Ele deve contextualizar. É importante que o receptor da mensagem leia uma notícia e entenda o porquê dela ser notícia. Ainda antes de entrar nos detalhes de produção jornalística, é importante saber que, segundo Benedeti (2006), Desde longa data, questiona-se o valor do conhecimento gerado pelas notícias com base nas suas limitações de apreensão da realidade. No centro desse questionamento está a comparação entre o conhecimento que as informações jornalísticas oferecem ao público sobre os fatos e os demais conhecimentos humanos, como a sociologia e as ciências exatas. A avaliação da pertinência dessas críticas quando inseridas na discussão sobre a qualidade da informação jornalística depende do reconhecimento dos aspectos que diferenciam o “conhecimento noticioso” dos demais.

Outro aspecto que vale destacar é a adaptabilidade às novidades. O jornalismo é dinâmico, precisa estar o tempo inteiro se atualizando, acompanhando o surgimento e desenvolvimento de tecnologias, além de atender às novas exigências e necessidades do público.

O jornalismo está em crise. O velho formato – dos jornalões e revistas do Grupo Alfa – perde leitores e publicidade. No primeiro caso aparecem no topo da lista os norte-americanos *The New York Times* e *The Washington Post*, os britânicos *The Times*, *The Observer* e *Financial Times*, e o espanhol *El País*. Entre as revistas, as semanais *Time*, *Newsweek*. O desastre, em cascata, parte dos países ricos, passa pelos emergentes e chega aos pobres. Em todos eles, a queda nas receitas leva ao corte de custos. Demissões reduzem os quadros, e o resultado é inevitável: o declínio da qualidade da informação. Como reverter essa situação? Até agora ninguém sabe a receita. As mudanças do tamanho *standard* para o tabloide fracassaram, demonstração clara de que o problema está no conteúdo. Por outro lado, o formato que chega ao computador e ao celular do cliente ainda engatinha. O desafio proposto pelo rito de passagem provoca turbulências. As propostas se sucedem e, no mais das vezes, são revistas e atualizadas ainda antes da implantação. E tudo continua em banho-maria. (Prefácio de Celso Itibirê, em NOGUEIRA, 2015).

O jornalismo tem mais um importante aspecto: quem o faz. Há a permissão por meio das inúmeras tecnologias, da velocidade da informação, da globalização dos fatos, de qualquer um exercer o papel de jornalista. Presenciar um fato e divulgá-lo ao mundo, de forma praticamente, ou de fato, instantânea. Porém, são algumas características que separam os jornalistas dos “divulgadores de informação”. Características essas fundamentais na construção da notícia, na veiculação da mesma e na qualificação daquilo que se é informado.

O jornalista é o profissional que se especializa em obter, redigir, e editar as notícias, adaptando-as ao tipo de veículo em que trabalha, seja um jornal, seja uma revista, impressos, rádio ou TV, fazendo, para isso, uso de equipamentos e linguagens apropriados para cada um. No caso da internet, que possibilita a veiculação das notícias com texto, áudio e imagem, os jornalistas, modernamente, têm sido mais treinados para aprenderem a atuar nesse sistema três em um: texto, áudio e imagem. É óbvio que, além desses conhecimentos técnicos, o profissional não pode abrir mão de características como sensibilidade, senso crítico, capacidade de se expressar e de ouvir atentamente o entrevistado, bom domínio da língua portuguesa, informações e conhecimentos gerais, respeito pelos diferentes pontos de vista. Ademais, ele próprio deve buscar se informar sobre tudo e acompanhar os noticiários. O jornalista é o profissional da notícia. Ele investiga e divulga fatos e informações de interesse público, redige e edita reportagens, entrevistas e artigos, adaptando o tamanho, a abordagem, a linguagem dos textos ao veículo e ao público ao qual se destinam. (NOGUEIRA, 2015, p. 30-31)

Sabido os principais aspectos do jornalismo e de quem o faz é fundamental entender o que é feito. A soma do profissional com o conteúdo gera produtos. Como falado acima, de

diferentes veículos, diferentes meios de comunicação, com diferentes princípios, públicos e fins. Porém, basicamente, seja qual for o meio que vai divulgar a informação e a notícia, ele segue um caminho básico.

O primeiro passo do caminho para se chegar à notícia é a criação da pauta. Após esta criação e idealização, vem a apuração da pauta, na qual tudo deve ser checado, como falaremos adiante. O passo seguinte é a produção da reportagem, que se baseia na pauta. O último passo antes da publicação ou exibição da reportagem é a edição. Na qual o editor busca refinar o que será publicado.

Sobre a pauta: esta é o primeiro passo da produção e veiculação da notícia. Ela diz o que houve, como, onde, quando e porque. Ela é o fio condutor da notícia. A pauta sugere ao repórter aquilo em que ele deve se basear para desenvolver sua história.

É o começo do processo de produção de uma reportagem, pois dá indicações iniciais sobre o tema. O que aconteceu ou está acontecendo? Quem deve ser o entrevistado? Qual é o horário e o local do evento? Quais personalidades estarão lá? Quanto mais detalhada for a pauta, melhor. Entretanto, ela não limita o repórter nem substitui o seu trabalho de apuração. Muitas vezes, quando o repórter chega ao local em que deve fazer a reportagem, vê que a pauta se modificou. Ela é um roteiro, mas não a matéria em si. (...) Na elaboração desta, a leitura de jornais e de *releases* (textos de divulgação de um evento ou de um entrevistado) são importantes fontes que nunca podem ser desprezadas (NOGUEIRA, 2015, p 44)

Para entender melhor a pauta jornalística, podemos analisar esta do telejornal diário “Bom Dia, Brasil”, exibido diariamente, de segunda à sexta-feira, no início da manhã, pela TV Globo.

Nesta pauta, o jornal vai divulgar uma investigação da corregedoria da Polícia Militar. Para isso, a pauta segue o seguinte caminho: expõe o caso, sugere quem deve ser ouvido e o que deve ser perguntado, relembra casos semelhantes que já aconteceram, traz uma nota já enviada pela Polícia Militar, destaca uma matéria de outro veículo (jornal “O Globo”), e, por fim, sugere o roteiro do dia da equipe que vai fazer a reportagem.

O primeiro ponto e mais básico é a exposição do fato, o que está acontecendo:

A corregedoria da Polícia Militar está investigando uma suspeita de sabotagem em câmeras instaladas nas viaturas da corporação. Os equipamentos tiveram os lacres violados. Dez PMs de três batalhões envolvidos no caso estão presos administrativamente, e as viaturas foram encaminhadas para a perícia do Centro de Criminalística da PM. Cerca de R\$ 18 milhões foram investidos na instalação das câmeras, desde 2013, e já auxiliaram as investigações de vários crimes, como os casos do Sumaré, Haíssa e Rocinha. (Pauta Bom Dia Brasil, 03/06/2015)

O segundo passo da pauta é a sugestão de entrevistados e de perguntas para o mesmo. Esta parte é importante para sustentar o repórter no assunto, para que ele já tenha a ideia do que vai fazer quando chegar na marcação com o entrevistado.

Vamos conversar com o Relações-Públicas da PM, Coronel Frederico Caldas, para saber qual é o protocolo de fiscalização das imagens e de acompanhamento da integridade dos equipamentos. No dia 15 de janeiro deste ano, depois da divulgação das imagens do caso Haíssa Vargas Motta, em Nilópolis, o Comandante da Polícia Militar, Alberto Pinheiro Netto, disse que as câmeras instaladas nas viaturas não estavam sendo fiscalizadas da maneira correta e declarou que, a partir daquele momento, haveria um sistema de monitoramento mais rigoroso. Vamos cobrar! (Pauta Bom Dia Brasil, 03/06/2015)

Outro ponto importante nesta pauta é a recuperação de fatos semelhantes que já aconteceram. Isto é incluso na pauta para dar substância e maior relevância ao conteúdo. Além do efeito qualitativo, mostrando que não é a primeira vez que esta notícia acontece, também surte o efeito de comparação.

Em 11 de junho de 2014, segundo investigações da Polícia, os cabos da PM Fábio Magalhães Ferreira e Vinícius Lima Vieira perseguiram os dois menores, que estariam praticando furtos no centro do rio. Eles foram colocados no veículo e os policiais seguiram para o morro do Sumaré. Ainda de acordo com as investigações da Polícia, Mateus de Jesus Lima dos Santos levou um tiro nas costas e outro na perna e caiu se fingindo de morto. Mateus Alves dos Santos foi tirado de dentro do carro, levado para uma ribanceira e supostamente executado. (Pauta Bom Dia Brasil, 03/06/2015)

O ponto seguinte colocado na pauta é uma nota da Polícia Militar sobre o caso, que foi enviada à produção do jornal, tendo em vista de que o veículo abordaria o caso. Ela é importante, pois em todas as matérias, todos os envolvidos com a notícia devem ser ouvidos. Portanto, se o caso envolve a Polícia, ela tem o direito de se manifestar.

A Corregedoria Interna da Polícia Militar instaurou um procedimento apuratório. Os policiais envolvidos no caso estão presos administrativamente e as viaturas foram encaminhadas para a perícia do Centro de Criminalística da PMERJ. (Nota da Polícia Militar, na Pauta do Bom Dia, Brasil, 03/06/2015)

Após exibir todos esses dados e coletar o maior número de informações possíveis, a pauta do Bom Dia, Brasil traz uma matéria divulgada pelo jornal “O Globo” sobre o mesmo tema. Isto é importante para situar os repórteres daquilo que foi divulgado sobre o assunto. Ele deve acompanhar pois, sabendo das informações publicadas, ele deve procurar ir além, com informações mais novas e mais completas, para que sua reportagem não seja uma cópia. Mas, caso na publicação do jornal tenha alguma informação exclusiva, o repórter também deve se atentar a ela para não deixar nada importante fora.

Enquanto os Estados Unidos discutem a implantação de câmeras de vídeo nos uniformes dos policiais, no Rio a PM ainda se depara com sabotagem nos equipamentos de filmagem instalados em seus veículos. Em três dias, agentes da corregedoria da corporação constataram violação das câmeras de cinco carros de três batalhões: 5º BPM (Praça da Harmonia), 16º BPM (Olaria) e 21º BPM (São João de Meriti). O caso mais grave ocorreu no quartel de Olaria, onde um dos veículos teve o HD que armazena as imagens gravadas, localizado no porta-malas, totalmente destruído. Na mesma unidade, havia também dois veículos com câmeras adulteradas. Do dia 23 a 25 deste mês, a corregedoria identificou o rompimento de seis lacres de câmeras dos veículos da PM, que foram levados para perícia no Centro de Criminalística da corporação. Dez policiais militares foram presos administrativamente e submetidos a procedimentos internos. (Trecho da matéria do Jornal “O Globo”, do dia 29/05/15, reproduzido na pauta do Bom Dia, Brasil, dia 03/06)

O último ponto da pauta do Bom Dia, Brasil é a sugestão de roteiro da equipe de reportagem para a produção deste material. Ele é importante para pré-agendar locais e horários com entrevistados e organizar os caminhos que serão seguidos pela equipe, facilitando e otimizando o tempo, como podemos ver na imagem a seguir, extraída da pauta do “Bom Dia, Brasil”, da TV Globo, do dia 03/06/2015, que foi cedida pela equipe de produção do jornal à nossa pesquisa.

ROTEIRO

ATT: ESTAMOS TENTANDO IMAGENS DE ALGUM CASO NOVO.

ATT: VAMOS PEDIR ARQUIVO DOS CASOS QUE FORAM ELUCIDADOS PELAS CÂMERAS.
OK, PEDIDO COM VICTOR KLING

ATT: NOSSO MOTORISTA VAI BUSCAR, ÀS 16H30, O ENTREVISTADO NA SEDE DO VIVARIO. OK, CIRLEI BUSCA.

MARCAÇÃO:

ÀS 15H - VAMOS CONVERSAR COM O RELACIONAMENTO PÚBLICO DA POLÍCIA MILITAR, CORONEL FREDERICO CALDAS

ENDEREÇO: QUARTEL CENTRAL DA PM - RUA EVARISTO DA VEIGA, S/Nº, CENTRO

CONTATOS: ASSESSORIA DA PM - VANIA - (21) 2333-2568/ 2569

ÀS 16H30 - VAMOS CONVERSAR COM O SUBSECRETÁRIO DE COMANDO E CONTROLE DA SECRETARIA ESTADUAL DE SEGURANÇA, EDVAL NOVAES

ENDEREÇO: CENTRO INTEGRADO DE COMANDO E CONTROLE (CICC): RUA CARMO NETO, S/Nº, EM FRENTE AO METRÔ DA PRAÇA XI

CONTATOS: ASSESSORIA DA SESEG - DARCILIA - 2219-5179/ 2334-9441

COM OUTRA EQUIPE:

ÀS 17H - VAMOS CONVERSAR COM O COORDENADOR DE SEGURANÇA HUMANA DO VIVARIO, UBIRATAN ÂNGELO

ENDEREÇO: NA EMISSORA

CONTATOS: KARLA MENEZES, ASSESSORIA DO VIVARIO: (21) 2555-3750 (r.3248)/ 2555-3764/ 9 8528-8423/ UBIRATAN ÂNGELO: 99675-0496

Após a elaboração da pauta, vem a apuração da mesma. O repórter deve ir as ruas para responder as perguntas que a pauta propôs. Ele deve checar todas as informações expostas na pauta e completa-las. Não é correto por parte de um repórter ler a pauta e seguir exatamente o que ela diz, confiando integralmente. Muitas vezes, a pauta tem erros que podem comprometer o desenvolvimento da reportagem. Se não erros, pode estar incompleta, deixando alguma informação importante passar despercebida.

A reportagem é o principal momento da produção jornalística. O repórter, após checar e apurar sua pauta, precisa decidir qual é a melhor maneira de contar aquela história para o público. O que deve ser contado e o que não é necessário deve ser filtrado pelo repórter. Que vai decidir também, quem vai participar daquela história, procurando e ouvindo quem pode acrescentar conteúdo à informação, e qual será o texto da reportagem. Sobre esta, NOGUEIRA (2015), afirma:

É a alma do jornalismo, seja em jornal, revista, rádio, TV ou internet. Sem reportagem, não há jornalismo. Resulta da apuração da notícia, com informações relevantes, detalhes, diferentes pontos de vistas etc., ou seja, a forma mais correta e interessante de se contar uma boa história. Entretanto, quando um jornalista usa a expressão “boa história”, ele não se refere a uma notícia agradável. Uma boa história ou matéria é aquela relevante para o público que seu veículo busca atender. (...) Toda reportagem ou matéria responde a questões básicas e fundamentais: O quê? Quando? Onde? Como? Quem? Por quê? Cujas respostas devem estar logo na abertura do texto. (NOGUEIRA, 2015, p. 40)

O último ponto a ser abordado é a edição. Ela é a responsável por receber todo o material produzido por todos os repórteres e decidir como estas histórias serão abordadas dentro de seu veículo, de sua publicação, de seu jornal. A edição define o que é mais importante, o que será contado primeiro, o que ficará por último. A edição pode decidir, até mesmo, pela exclusão de determinado conteúdo da publicação. Ela é a responsável por “dar liga” à publicação, deixando-a atrativa e conectada do início ao fim, mantendo o interesse do público em todo o material produzido.

É o trabalho de escolha e de hierarquização das notícias dentro da publicação, em veículo impresso, site, programa de rádio ou telejornal. As notícias mais importantes têm maior espaço (veículos impressos, como jornais e revistas), mais tempo (rádio e TV) e aparecem com maior destaque (sites). A pauta já é uma pré-edição, mas, durante o dia, ocorrem fatos inesperados ou por vezes uma pauta, da qual não se esperava tanto, pode crescer. (NOGUEIRA, 2015, p. 47)

Para ilustrar a edição, podemos observar abaixo o espelho do SporTV News edição da noite, principal telejornal do canal esportivo por assinatura SporTV, exibido diariamente. A seguir, o espelho (roteiro de edição) do dia 12/06/2015, o qual foi cedido pela equipe de produção do telejornal à nossa pesquisa.

PAG	NOTAS	RETRANCA	LOC	tCAB	tVT	tMAT	FITA	MODI	APV	TEMPO	OK	EDIT
=	*****	SEXTA - 12/06/2015	====	0:00	0:00	0:00	=====	moises	=	23:27:1	OK	=
=	*****	SPORTVNEWS - NOITE	====	0:00	0:00	0:00	=====	julias	=	23:27:14	OK	=
01*	NOTA	ABERTURA	VAN	0:00	0:10	0:10	NOTA	julias	MOI	23:27:14	OK	VAN
02*	VT SP	SÃO PAULO f.a	VAN	0:08	1:36	1:44	DGT	julias	MOI	23:27:24	OK	FRE
03*	VT SP	PALMEIRAS 2	VAN	0:11	1:54	2:05	DGT	julias	MOI	23:29:08	OK	CAI
04*	VT RJ	FLUMINENSE 2	VAN	0:14	1:38	1:52	DGT	julias	MOI	23:31:13	OK	JSA
05*	VT SP	SANTOS OSWALDO 2	VAN	0:12	1:51	2:03	DGT	julias	MOI	23:33:05	OK	CAI
06*	ARTE	RODADA A	===	0:00	0:45	0:45	ARTE	julias	MOI	23:35:08	OK	JUL
07*	VT	LIGA MUNDIAL	===	0:00	1:18	1:18	DGT	julias	MOI	23:35:53	OK	MAR
08	VT	DESTAQUES 2	===	0:00	0:43	0:43	DGT	julias	====	23:37:11	OK	MAR
=	*****	(((IP BREAK)))))))))	*****	0:03	3:50	3:53	MEST	julias	*****	23:37:54	OK	*****
09*	VT RJ	FLAMENGO m.c.	VAN	0:19	2:11	2:30	DGT	julias	MOI	23:41:47	OK	CAI
10*	INTER	VASCO GE.COM	VAN	0:35	0:00	0:35	INTE	julias	MOI	23:44:17	OK	CRZ
28*	VT BH	CRUZEIRO FABIO p.a.c.	VAN	0:27	2:13	2:40	DGT	julias	MOI	23:44:52	OK	FRE
14*	VT	BOULEVARD 2016	VAN	0:07	1:39	1:46	DGT	cristian	MOI	23:47:32	OK	CAI
15	NOTA	PASSAGEM 1	VAN	0:09	0:10	0:19	NOTA	julias	MOI	23:49:18	OK	MOI
=	*****	BREAK 1*****	*****	0:05	4:00	4:05	MEST	julias	*****	23:49:37	OK	*****
32a*	VIVO	SELEÇÃO CHEGA	V/R	0:16	2:53	3:09	VIVO	julias	MOI	23:53:42	OK	C/J
32b	VT offvivo	ILUTRA CHEGADA	====	0:00	0:39	0:39	DGT	julias	ok		OK	CRZ
25C*	VT	DANIEL ALVES	RAP	0:01	0:33	0:34	DGT	julias	MOI		OK	FRE
23*	VT CHI	ARGENTINA E PARAGUAI 2	VAN	0:20	1:00	1:20	DGT	moises	MOI	23:56:51	OK	CAI
18*	VT	GOLS DA EURO	VAN	0:11	1:28	1:39	DGT	julias	MOI	23:58:11	OK	CRZ
20	NOTA	PASSAGEM 2	VAN	0:18	0:05	0:23	NOTA	julias	MOI	23:59:50	OK	MOI
21	VT	TEASER UFC	====	0:00	0:05	0:05	DGT	julias	====		OK	MUS
=	*****	*****BREAK 2*****	*****	0:05	4:10	4:15	MEST	julias	*****	00:00:13	OK	*****
17*	VT	GIRO INTER	VAN	0:28	1:54	2:22	DGT	moises	MOI	00:04:28	OK	JSA
19*	VT	UFC PESAGEM	====	0:00	1:13	1:13	DGT	julias	MOI	00:06:50	OK	MUS
24*	VT	SURFE FIJI	VAN	0:10	0:36	0:46	DGT	julias	MOI	00:08:03	OK	CRZ
25**	NOTA	PASSAGEM 3	VAN	0:13	0:10	0:23	NOTA	julias	MOI	00:08:49	OK	MOI
26	VT	TEASER CORI	===	0:00	0:10	0:10	DGT	julias	====		OK	MAR
=	*****	***** BREAK 3*****	*****	0:05	3:35	3:40	MEST	moises	*****	00:09:12	OK	*****
27*	VT SP	CORINTHIANS 2 d.m.d.	VAN	0:11	2:00	2:11	DGT	julias	MOI	00:12:52	OK	MAR
11*	VT offvivo	GOLS B	VAN	0:09	0:54	1:03	DGT	julias	MOI	00:15:03	OK	MUS
12*	INTER	PET NO TIGRE	VAN	0:16		0:16	INTE	julias	MOI	00:16:06	OK	M/J
13*	ARTE	CLASSIFICA B	===	0:00	0:40	0:40	ARTE	julias	MOI	00:16:22	OK	JUL
29*	VT RJ	BELLUCCI NO RIO 2 w.k.	VAN	0:10	1:31	1:41	DGT	julias	MOI	00:17:02	OK	MUS
30	NOTA	PASSAGEM 4	VAN	0:12		0:12	NOTA	julias	MOI	00:18:43	OK	MOI
=	*****	*****BREAK 4*****	*****	0:05	3:50	3:55	MEST	moises	*****	00:18:55	OK	*****
31*	VT SP	LEGADO DA COPA cury	VAN	0:14	3:15	3:29	DGT	julias	MOI	00:22:50	OK	FRE
32*	NOTA	BOA NOITE	VAN	0:20		0:20	NOTA	julias	MOI	00:26:19	OK	MOI
=	*****	*CRÉDITOS E REALIZAÇÃO*	*****	0:00		0:00	*****	julias	*****	00:26:39	OK	.
=	*****	*****TEMPO FINAL*****	*****	0:00		0:00	*****	moises	*****	00:26:0	OK	.

A coluna “RETRANCAS” define o nome e a ordem de exibição das matérias ou reportagens preparadas pelo jornal. Ela é a principal parte da edição, afinal, através dela o editor define a ordem de importância e consegue manter o jornal atrativo durante toda sua exibição.

Outra parte fundamental é a coluna “TEMPO”. Através desta, o editor controla o tempo de exibição de cada matéria e reportagem e consegue, desta forma, calcular o tempo total do jornal, estabelecendo o que foi programado pelo canal.

2.2 – JORNALISMO ESPORTIVO

Para falar do envolvimento do futebol com o jornalismo, chegamos ao jornalismo esportivo. Para melhor entender o que acontece hoje, precisamos, também, conhecer sua origem e como foi o início dos trabalhos da imprensa com o esporte.

Como vamos explicar mais a frente, após a chegada do futebol no Brasil com Charles Miller, a primeira partida aconteceu em 1895, quando o São Paulo Athletic Club foi dividido em duas equipes.

De volta a São Paulo, onde sua família morava, associou-se ao clube dos ingleses chamado SPAC. A intenção era uma só: jogar futebol. Mas Miller logo viu que esse esporte era pouco praticado em São Paulo [...] Começou a organizar treinos entre os funcionários da empresa onde trabalhava, a São Paulo RailWay, os da Companhia de Gás e os do London Bank. E foi em um desses treinos que, um dia, um surpresa jornalista descobriu o novo esporte. (RIBEIRO, 2007, p. 19)

Com o início das partidas oficiais, o futebol chamou a atenção do jornalismo brasileiro. Celso Araújo, cronista, foi o primeiro a dar importância ao esporte. O nascimento do jornalismo esportivo brasileiro teria acontecido em 1856, com *O Atleta* dando receitas para aprimoramento físico. Depois surgiram outros periódicos, mas o futebol não era prioridade. Na época, estavam na moda o turfe, regatas e ciclismo. No século XX, não chamou atenção pelos jogos e resultados, mas começou a ocupar as páginas da imprensa pelos benefícios e prejuízos do novo esporte à população. O primeiro texto publicado foi apenas em 27 de outubro de 1902, pelo *O Estado de S. Paulo*, na primeira decisão do campeonato paulista. A *Gazeta de Notícias* dedicou, pela primeira vez, um pequeno espaço para jogos e passou a ter uma seção fixa com duas colunas, a *Gazeta dos Sports*.

Aos poucos, o futebol começava a conquistar um espaço maior na mídia brasileira, com seções especializadas, capas de publicações, livros dedicados ao assunto, periódicos esportivos, além do interesse de empresas cinematográficas.

Apenas em 1940, surgiu a primeira rádio especializada e com uma programação voltada para o esporte: a *Rádio Panamericana*, em São Paulo. Ela trouxe novas profissões, como comentarista de arbitragem, repórter de campo, plantão esportivo e a novidade mais inovadora: humor no esporte. No Rio de Janeiro, uma emissora especializada em esportes só surgiu dez anos depois, a *Rádio Continental*.

O futebol foi transformado em um grande espetáculo, graças ao rádio. A popularização do esporte se deu pela aproximação dos narradores com os ouvintes, seja no vocabulário

informal ou por aporuguesar as expressões e regras do esporte. “O Rádio buscou através dos vários recursos da linguagem radiofônica [a capacidade emotiva da voz, músicas, vinhetas, cortinas sonoras] levar a magia do espetáculo ao ouvinte, por meio do apelo a sua imaginação” (ALMEIDA, 2004, p. 10).

A profissionalização do futebol, em 1933, foi paralela a do rádio e teve contribuição direta desse meio. Com isso, as principais emissoras acabaram dedicando espaço relativamente grande à editoria esportiva, algo que acontece até os dias atuais. (BOCHEMBUZO & SOFFNER JUNIOR, 2013).

Em 1950, dois meses depois da derrota do Brasil na final da Copa do Mundo, chegou ao país um novo veículo: a televisão. No dia 18 de Setembro daquele ano, a TV Tupi entrou no ar em São Paulo e, um ano mais tarde no Rio de Janeiro. A história da Televisão começa em 1884, na Alemanha, e as primeiras experiências chegaram ao Brasil somente na década de 30, época em que começam as transmissões esportivas no Mundo, como beisebol e Jogos Olímpicos de Berlim.

Desde que entrou no ar, no Brasil, a televisão, ao contrário do que aconteceu na história do rádio, abriu espaço para o futebol. Além de ter importado quase que por completa a sua grade do rádio. Ao longo do tempo, cada vez mais programas dedicados ao esporte surgiam. A primeira transmissão, em videoteipe, aconteceu entre Palmeiras e São Paulo. O jogo acontecia e era produzido aos domingos, mas exibidos pelas emissoras, com narração, nas segundas.

Desde 50, como acontece até hoje, a principal disputa entre rádio e televisão era pela contratação dos profissionais. As maiores estrelas começaram a dividir as atividades entre os dois meios. Com a experiência do rádio, muitas ideias foram apenas adaptadas para as transmissões na TV. O rádio acompanhou o processo do futebol, evoluiu com o esporte e, aos poucos, foi inovando. Com o surgimento da televisão, muitas ideias bem-sucedidas foram implementadas, como a inclusão de comentarista e reportagem.

A aposta televisiva saiu da esfera, somente, da transmissão de jogos de futebol em 1963, quando começaram a surgir os programas de mesa redonda: discussões sobre o futebol, principalmente, depois das partidas. O debate era formado, em sua maioria por comentaristas das emissoras.

No início da década de 80, a TV Globo, começou a buscar sua hegemonia no futebol, principalmente por questões financeiras. Em 82, a emissora carioca, comprou os direitos exclusivos do Mundial da Espanha e, pela primeira vez, na história do jornalismo esportivo brasileiro, enviava uma grande estrutura com 150 profissionais, estúdios próprios em Madri e

equipamentos para suprir qualquer necessidade (RIBEIRO, 2007). Os resultados não poderiam ser melhores. Contudo, no país a situação da emissora era diferente. A Bandeirantes que possuía direitos a jogos exclusivos do Campeonato Brasileiro até 1993. Dessa maneira, a disputa seguia acirrada entre as duas emissoras. A partir de então, as inovações eram cruciais para atração da audiência. A TV Globo instalou câmeras dentro do gol, dando um novo ângulo, inusitado, ao telespectador. Em contra-ataque, a Bandeirantes empregou quatorze câmeras na transmissão da final do Campeonato Paulista de 1993.

Os torcedores da poltrona acostumaram-se com objetos estranhos colocados ao redor do gramado dos estádios. Trilhos nas laterais, guas que subiam e desciam em movimentos similares ao de uma gangorra passaram a ser comuns nas transmissões. Quem quisesse entrar na disputa pela audiência da televisão teria de ter dinheiro para tudo isso e muito mais (RIBEIRO, 2007, p. 278)

Se a TV Globo se destaca nos canais abertos, a história não é diferente nos canais fechados, já que o Grupo Globo é pioneiro no Brasil, principalmente no setor esportivo. Na década de 80, no Brasil, surgiram as primeiras transmissões dos canais por assinatura, com notícias vinte e quatro horas por dia na CNN e videoclipes na MTV. Mas, somente a partir de 1991, grandes grupos brasileiros investiram no setor. A Globosat, do Grupo Globo, foi a primeira programadora e tinha quatro canais: GNT, Top Sports, Multishow e Telecine. Mais a frente, o Grupo Abril fundou a TVA.

O primeiro canal vinte e quatro horas de esporte surgiu em 1992: o SporTV, da Globosat. No ano seguinte, surge a primeira concorrente: TVA Esportes. A batalha pela audiência e transmissões dos principais campeonatos foi intensa entre os dois grupos. A TVA se aliou ao Clube dos 13, entidade que reunia os melhores clubes de futebol do país, e garantiu contrato de transmissão exclusiva do Campeonato Brasileiro por três anos, enquanto a Globosat firmou parceria com a Confederação Brasileira de Futebol, entidade organizadora das competições no Brasil. Ao final do contrato de três anos, a TVA ficou proibida de entrar nos estádios brasileiros.

Em 1995, a TVA desistiu de depender do material exclusivo da Globosat, mais especificamente do SporTV, e decidiu encerrar as atividades e investir na criação da ESPN Brasil. Se na década de 40, a discussão era em torno de rádio com programação exclusiva, agora, a novidade era TV dedicada ao esporte, mas paga, como acontece até hoje, uma vez que, no país, há apenas um canal aberto com grade exclusivamente esportiva, o Esporte Interativo, que por questões políticas e econômicas de mercado não consegue contrato com grandes operadoras.

Existem, atualmente, 21 canais esportivos por assinatura: SporTV, com três canais, ESPN; com três canais, FoxSports, com dois; BandSports; Sports+; Premiere FC, com até oito canais *pay-per-view* [por evento]; Combate; Off; Woohoo.

Segundo FERREIRA (2013) , na TV aberta são seis canais com programação esportiva, que variam entre vinte e cinco e nenhuma hora fixa na grade por semana e, apenas, um canal vinte e quatro horas diárias: Esporte Interativo, 24 horas por dia; Bandeirantes, 25 horas semanais; Globo, 16 horas semanais; RedeTV!, 15 horas semanais; Record, 2 horas semanais; SBT, sem programação esportiva fixa.

3 – O que é narrar

Narrar é expor as sequências de um fato ou acontecimento; contar; historiar; relatar. Ou seja, narrar é, nada mais, nada menos, do que a maneira pela qual se retransmite uma situação que foi vivenciada. Podemos imaginar três diferentes possibilidades de narração. A partir de “contar”, podemos pensar nos contadores de histórias, como os atores de teatro, arte milenar que consiste em contar histórias através de interpretação corporal e oral. “Historiar” nos remete aos historiadores, que estudam o passado e os narram para eternizá-lo. Já “relatar” nos aproxima do jornalismo, no qual um repórter descobre um fato, apura, e depois o narra através da reportagem, contando para o receptor o que aconteceu.

Todos estes significados da narrativa estão diretamente ligados à oralidade, uma das ferramentas primordiais na comunicação. Foi através dela que o Homem alavancou o seu desenvolvimento social, já que, através dela, começou a raciocinar de maneira analítica, dando nome a objetos e sentimentos, por exemplo.

Cada indivíduo foi aprendendo sua realidade e transmitindo suas experiências a seu grupo social. Ao desenvolver sua capacidade intelectual, o homem ampliou sua possibilidade de sobreviver e de destruir, e essas experiências constituíram o alicerce da civilização, cujos conceitos foram sendo transmitidos ao longo do tempo das mais diferentes maneiras, principalmente através da palavra. O gesto, o desenho, a comunicação visual e a escrita foram ferramentas fundamentais para a comunicação, mas a linguagem oral foi a aquisição mais valiosa de toda a humanidade. (GONTIJO, 2004, p. 14, apud Guerra, 2012).

No futebol, temos a união de todos os significados designados pelo dicionário na figura do narrador. Porém, há uma notória diferença: ele é o profissional responsável por observar tudo o que acontece dentro e fora das quatro linhas e relatá-las em tempo real ao espectador, ou seja, apropriando-se de uma imagem, ele deve utilizar a sua oralidade para transmiti-la da maneira mais objetiva e clara possível, para que não haja ruídos entre o real e o imaginário, afinal, é este que circunda a mente do receptor, no caso do rádio. A oralidade e a narrativa devem ser claras em qualquer veículo, cada uma a seu critério. Na TV, para ser fiel à imagem e fugir do óbvio; no rádio, para possibilitar ao ouvinte “enxergar” o jogo.

A falação esportiva, segundo Umberto Eco, configura-se como discurso sobre o discurso – acentua, em sua ideia, o suposto caráter alienante da informação futebolística. Independente desse argumento, os confrontos de vozes salientados na enunciação do esporte são bastante claros. (GUERRA, 2012)

Porém, para entender a figura do narrador é fundamental que seja clara a sua necessidade, o porquê dele existir. Existem algumas teorias quanto à chegada do futebol ao Brasil. O consenso é que ele foi trazido pelo inglês, filho de pais brasileiros, Charles Miller, no final do século XIX. Mas, outros registros apontam que, antes da chegada de Miller ao país, o futebol já era aqui praticado. Com um início exclusivamente elitista, o futebol passou por uma intensa popularização no início do século XX. Alguns fatos marcaram a história deste esporte, como o Vasco da Gama sendo o primeiro clube a aceitar negros em sua esquadra.

A partir da primeira Copa do Mundo, em 1930, o brasileiro começou a ter maior atenção a este esporte, até que, em 1950, o país parou para acompanhar a primeira Copa do Mundo em território tupiniquim. Apesar da derrota na final, o brasileiro, de uma vez por todas, se apaixonou pelo esporte. Essa paixão aumentou, ainda mais, com a primeira conquista mundial, oito anos depois, na Suécia.

O futebol no Brasil é algo que está incluso na sociedade, já faz parte da identidade do brasileiro. “este esporte é hoje um dos principais emblemas da ‘identidade brasileira’, juntamente com o samba e as chamadas ‘religiões afro-brasileiras’ (GASTALDO, p.2)”. O futebol no Brasil não pode ser considerado algo apenas cultural, mas também uma prática sociológica, no país, o esporte é considerado mais que isso. A influência do futebol vai além de para que time torcer ou de quantos títulos um time tem. Nem sempre ele é visto como esporte somente.

O futebol expressa a sociedade, pois o jogo está na sociedade tanto quanto a sociedade está no jogo. Ambos expressam-se mutuamente, principalmente no que se refere à subjetividade das relações estabelecidas dentro do contexto de uma partida de futebol, as transgressões às regras, à ordem e à desordem, o envolvimento da torcida com seu time de coração, chorar ou se alegrar, brigar ou festejar. (RINALDI, 2000, p.143)

RINALDI (2000) ainda afirma que o futebol seria um legítimo representante da cultura brasileira, com a malandragem que fica transparecida em sua subjetividade, nas suas entrelinhas. Além disso, ele está no consciente da população que alimenta sentimentos por clubes e jogadores “O futebol brasileiro visto como uma prática social, também se constitui num meio pelo qual os indivíduos expressam determinados sentimentos... o fato de torcer por um time mesmo quando esse não ganha títulos durante muitos anos pode ser vivido como um teste de fidelidade”. (Daólio, 1997, p. 122 apud RINALDI,2000).

Sabendo disso, fica claro de que o brasileiro valoriza o futebol e cada um de seus elementos. Ao que o futebol foi crescendo no Brasil, junto com ele, cresceram também as transmissões esportivas, que começaram no Rádio. Neste veículo, o locutor entra no espetáculo, não como um comunicador, mas como parte real dele.

"o estilo peculiar de transmitir uma partida faz dos locutores esportivos na transmissão radiofônica, parte do jogo. Essa narrativa do rádio parece ter sido incorporada ao espetáculo. Daí o torcedor levar o aparelho para os estádios, como uma "muleta" para "ver melhor" o jogo" (GUERRA, 2006). Como uma partida de futebol, a narração esportiva também não é uma ciência exata.

Das primeiras transmissões feitas por Romeu Tuma e Amador Santos, já com estilos diferentes, até os tempos atuais, a união do futebol com a narração esportiva faz o futebol no Brasil um espetáculo à parte. Foram surgindo estilos próprios para a descrição do jogo. Para ilustrar o imaginário do torcedor e conquistar a sua audiência, narradores no rádio e na televisão utilizaram formas criativas, inventaram bordões e buscaram no próprio povo, expressões que pudessem facilitar a identificação com o que estavam falando. Por meio de linguagens estereotipadas e redundantes, cheias de sinônimas, os narradores conquistaram seu espaço dentro do próprio jogo. Seja porque "você vê o jogo, ouvindo a rádio..." ou porque, "a gente se vê por aqui", o torcedor passou a incorporar a transmissão como parte do espetáculo, mesmo quando a imagem (seja no campo ou através da tv) não se basta se não for acompanhada de um contador da história que está sendo vista e vivida naquele momento (GUERRA, 2006).

Inicialmente, os jornais informavam os resultados dos jogos, mas apenas isso não era o suficiente. Uma transmissão em tempo real se fazia necessária. Em 1931, Nicolau Tuma, da Rádio Educadora Paulista, fez a primeira transmissão de uma partida de futebol no rádio brasileiro se transformar em espetáculo.

Eu precisava dar a impressão ao indivíduo que estivesse ouvindo com os dois fones do rádio galena, que ele estaria apreciando e vendo quase, e completando com a sua imaginação a minha descrição. (Nicolau Tuma ao Globo Repórter, TV Globo, 1981, apud GUERRA, 2002)

(GUERRA, 2002, pg. 16) diz que Edileuza Soares, em seu estudo "A Bola no Ar – Rádio Esportivo em São Paulo", conta que os locutores transformavam a narração em um espetáculo para tentar despertar a imaginação do torcedor.

Estes espetáculos, porém, deveriam, sempre, ser fiéis à realidade do jogo. Era e é fundamental que o narrador tenha total noção do que está acontecendo. Para contar ao

receptor o que ele está vendo, ele deve, primordialmente, entender o que está vendo, para assim, à sua maneira, narrar.

Conhecia as regras do jogo. Isso era fundamental. Como não tinha um modelo de narração, optei por uma descrição fotográfica, que desse ao ouvinte a imagem exata do campo e do jogo. Fiquei na arquibancada e improvisei o nome deste local dizendo que era o reservado da imprensa. Ao abrir o microfone disse: estou aqui no reservado da imprensa do campo, contemplando as arquibancadas. Estou ao lado das gerais e vou tentar transmitir para vocês que me ouvem um relato fiel do que irá acontecer no campo. Pensem num retângulo à sua frente ou peguem uma caixa de fósforos. Do lado direito estão os paulistas e do esquerdo os paranaenses (Nicolau Tuma, ao Globo Repórter, da TV Globo, 1981, apud Guerra, 2002).

Depois de Nicolau, outros grandes nomes passaram pelas principais rádios do país, cada um em suas características. Mas para que o rádio fosse esse sucesso, os narradores buscavam a narrativa certa, usavam jargões de identificação imediata do público. Os setores do campo, por exemplo, ganharam expressões. A pequena área era a “zona do agrião”, o grande círculo era “o caroço do abacate”, assim como os jogadores, dependendo de como jogavam, ganhavam outros nomes: o goleiro quando fechava o gol, virava “a muralha humana”, o meio-campo habilidoso nos lançamentos e que procurava alternar as jogadas de ataque era “aquele que joga como para-brisa”. Muitas destas expressões são utilizadas até hoje, como o treinador que escolhe adotar um esquema tático mais fechado, virava o “retranqueiro”. Estes nomes e expressões criavam uma identificação entre torcedor e narrador, a ponto de se ouvir normalmente pela rua estas expressões.

Os narradores que foram surgindo ao longo dos anos foram se destacando, cada um à sua maneira. Não os bastava apenas descrever as imagens. Eles deveriam “ilustrá-las”, fazer com que elas interessassem mais ao receptor. Para isso, criaram os bordões, muitas vezes surgidos de expressões populares, fazendo com que o povo se identificasse. O locutor Oswaldo Reis, da Rádio Globo de Belo Horizonte, conhecido como “Pequitito”, criou uma marca. Após a descrição de cada gol, ele declama parte da letra de uma música popular brasileira, mesmo que ela não faça sentido significativo ao que está acontecendo. Desta forma, ele chama a atenção do público e os mantém atentos à transmissão. Em resumo:

o narrador reproduz com riqueza a codificação dos fatos, gerando narrativas dramáticas, agradáveis de serem ouvidas, trazendo uma forte carga emotiva. O narrador que olha é o contrassenso e a redenção da palavra na época da imagem. Ele olha para que o seu olhar se recubra de palavra, constituindo uma narrativa. Ele resgata o papel do contador de histórias, sendo o responsável por guiar os sentimentos, no caso, as ações e reações do torcedor diante do jogo. (GUERRA, 2012).

No próximo capítulo, continuaremos nosso estudo sobre narração. Porém, vamos entender melhor a narração esportiva na televisão. Vamos saber quais são suas características específicas e quais os princípios que a orientam.

4 – NARRAÇÃO ESPORTIVA NA TV

Com o rádio já consolidado como veículo das massas, começava a surgir um novo meio de comunicação ainda mais completo. Segundo MONTEIRO (2014), curiosamente, os primeiros passos da televisão aconteceram em 1884, na Alemanha, muito antes de qualquer experimento com o rádio ser pensado.

O pesquisador Paul Nipkow patenteou um disco, na época, metade elétrico e metade mecânico, que, no início, copiava e com algumas adaptações passou a transmitir imagens em movimento. Em 1907, o inventor russo Tosing conseguiu produzir um sinal usando os tubos catódicos inventados por outra cientista (Braun, em 1897). Mais tarde, em 1911, foi a vez de Campbell Swinton, que evoluiu com a invenção da telecâmera eletrônica. Nos Estados Unidos, em 1923, Charles Jenkins conseguiu enviar imagens estáticas de Washington até a Filadélfia, e assim o novo veículo começava a tomar forma. O aparelho de TV foi sendo aprimorado até que pudesse ter maior viabilidade comercial. Com a tecnologia desenvolvida pelo russo naturalizado americano Wladimir Zworikin, criador de um tubo de imagem chamado iconoscópio, os primeiros passos para a televisão virar um produto comercial foram dados pela RCA. A empresa Norte-Americana contratou o inventor e fabricou o “Orticon”, que foi o primeiro modelo de televisor a ser produzido em escala industrial. (MONTEIRO, 2014)

4.1 – O INÍCIO DAS TRANSMISSÕES ESPORTIVAS NA TV

As transmissões esportivas na televisão começaram na década de 30 do século passado ao redor do mundo. Os americanos entraram pra história com a transmissão da primeira cobertura esportiva, em 1935, em um jogo de beisebol. Os alemães, um ano depois, cobriram os Jogos Olímpicos de Berlim, e no ano seguinte, os ingleses tiveram a oportunidade de ver a disputa de tênis de Wimbledon. Em 1948, os franceses transmitiram a primeira Copa do Mundo. De acordo com Walter Sampaio, em 1950, o jornalismo esportivo teve sua primeira reportagem registrada na televisão, em uma divertida história.

Era a cobertura feita pelos cinegrafistas Jorge Kurkjan, Paulo Salomão e Alfonsas Zibas. Este último, segundo Sampaio, provocou uma situação inusitada logo na estreia da televisão com a cobertura esportiva. Zibas entrou em campo, com a bola rolando, achando que assim poderia registrar as imagens mais de perto. Só restou ao juiz expulsá-lo de campo. Na arquibancada, Kurkjan filmou também este momento. (Sampaio, 1971, apud Guerra, 2012, p.54)

Também em 1950, foi inaugurada a TV Tupi, de São Paulo, a primeira televisão do Brasil, que tinha como proprietário Assis Chateaubriand, dono dos Diários Associados, que adotou o sistema de televisão implantado nos Estados Unidos. A TV Tupi do Rio de Janeiro veio no ano seguinte, e teve José Cunha como um dos grandes nomes de sua narração com o famoso bordão “ta láááá...”, quando saía o gol. MONTEIRO (2014), afirmar que ao final dos anos 50, o cenário brasileiro apresentava dez emissoras. Mas ainda sem saber ao certo o que fazer, cada emissora fazia uma aposta diferente.

A TV Excelsior foi a primeira a ter uma grade de programação estável e com administração empresarial. Já a TV Continental, com grande importância no desenvolvimento da televisão no Rio de Janeiro, fez sua pré-estreia apostando na transmissão do futebol, no dia 13 de maio de 1959, no jogo em que a Seleção Brasileira venceu a Inglaterra por 2 x 0. Na ocasião, Waldir Amaral foi convidado para narrar a partida e momentos antes de a bola rolar, três das quatro câmeras colocadas no Maracanã estragaram e a transmissão foi feita com apenas uma delas. Fato que prejudicou, mas que não foi levado em consideração, pois no dia seguinte, a crítica foi em cima narração de Waldir Amaral. Habitado a narrar no rádio, os críticos diziam que sua narração tinha sido atrasada em relação aos lances do jogo. (MONTEIRO, 2014)

Este foi um problema encontrado por todos, não só Waldir Amaral, mas todos aqueles que se arriscaram a narrar na televisão. De início, pairava a dúvida se o narrador deveria narrar os lances, lembrando que na TV o telespectador também estava vendo a jogada, e falar o óbvio, ou se deveria fazer comentários em cima das jogadas. Waldir Amaral, como mencionado, optou por narrar exatamente como fazia no rádio. Outros escolheram não falar o óbvio e apenas comentar os lances. Fato era que não existia um padrão, e todos buscavam fazer o que encaixasse melhor na transmissão.

O advento da televisão obrigou muitas modificações nas transmissões esportivas. A televisão não era uma transmissão agradável. Primeiro porque a imagem, no princípio, era precária. Preto e branco, imagem difusa, os próprios narradores saíam do rádio, mas não encontravam a rota certa. Alguns, e eu mesmo, tentávamos o comentário dos lances ao invés da transmissão dos lances. Nós entendíamos que como o telespectador estava vendo a jogada, ele não precisava da narração e sim de um comentário, de uma ajuda. Mas os narradores por terem mais talento foram superando essa tentativa dos comentaristas. (Heizer, apud Monteiro, 2014)

A verdade era que a televisão representava um avanço tecnológico para a época, mas pela imagem ser preta e branca e com uma qualidade muito ruim, a maioria das pessoas continuavam a usar a imaginação como era feito no rádio. Pois a transmissão da TV significava um avanço por ter a imagem, mas não era possível identificar tantas coisas. Um problema simples em relação a isso, porém determinante para o telespectador, era a distinção do uniforme dos dois times. Na maioria dos jogos não era possível distinguir os dois times.

Quando dois times de camisas de cor fortes como Palmeiras (verde) e Portuguesa (vermelha) se enfrentavam, a transmissão em preto e branco tratava de tornar todos os uniformes absolutamente iguais. Na primeira partida entre os dois times pelo Campeonato Paulista, a Record conseguiu a mágica: a transmissão continuava em preto e branco, mas algum efeito, que ninguém sabia qual, permitia a identificação perfeita das duas equipes. Alguns técnicos da Tupi não aguentaram de curiosidade e ligaram para a Record. Tuta (filho de Paulo Carvalho, dono da Record na época) dava sempre a mesma resposta: usamos um filtro importado dos Estados Unidos, chamado “Triple Flex Clair”. O filtro, de nome pomposo, não passava de uma invenção de Tuta. Jamais existiu. O que o técnico usava podia ser comprado em qualquer loja de fundo de quintal: um filtro laranja, grudado na lente da câmera. (Guerra, 2002, p. 99)

Em 1965 surge a TV Globo, que em pouco tempo se tornou o maior império televisivo do país, como é até hoje, derrubando de vez os Diários Associados e dominando a audiência. Apesar de ter entrado com força no mercado, a emissora, no início, relutou para incluir na sua grade de programação as transmissões do futebol, pois sua direção acreditava que isto atrapalharia a audiência das novelas e noticiários. O grande responsável por inserir o futebol na Globo foi o jornalista Teixeira Heizer, hoje comentarista do canal a cabo, SporTV, que pertence à emissora. Segundo MONTEIRO (2014), na época, “Teixeira Heizer fazia de tudo um pouco na emissora. Apresentava o Tele Globo, era chefe de um departamento de esportes que ainda estava no começo e ajudava a diretoria nas decisões da empresa”. O projeto do comentarista foi um tanto quanto ousado para a situação da época, pois o rádio dominava o cenário do futebol, consolidado como o veículo das massas. Existiam poucos aparelhos de

televisão espalhado pelo país, cerca de 200 mil concentrados no eixo Rio - São Paulo, pois ainda era caro para os padrões. Sem contar que a transmissão do futebol já estava no ar há dez anos e a TV Globo não tinha nem um ano de vida. Mesmo assim, Teixeira Heizer, que sentia necessidade de realizar a transmissão para competir com as concorrentes, lutou para convencer a diretoria de que o futebol teria uma grande audiência e teria uma fórmula eficiente. MONTEIRO (2014) afirma que “Inspirado no trabalho cinematográfico da época, Teixeira Heizer escolheu a partida entre a Seleção Brasileira e a Seleção da Rússia, antiga União Soviética, no dia 21 de novembro, de 1965, realizada no Maracanã, que teria a sua voz na narração”.

Eu me sentia menor que meus concorrentes e um dia teve um jogo da Seleção contra a Seleção Russa, no Rio de Janeiro, e eu pensei em tentar alguma coisa de excepcional. Contratei dez “malucos” motociclistas que andavam pela madrugada e estabeleci com eles um trabalho de eles ficarem no Maracanã trazendo latas de filmes na medida em que o jogo se desenvolvesse. Eles gostaram da ideia. Contratei dois cinegrafistas da melhor qualidade e os coloquei em cima das cabines do Maracanã. Peguei uma máquina de cinema, som e imagem, peguei o José Carlos Araújo, o Garotinho, que até hoje é o grande locutor de futebol do Rio, fiz uma canga, coloquei nos seus ombros e coloquei a máquina na frente do seu peito, a máquina de som nas costas e o coloquei dentro do gramado do Maracanã pra entrevistar os jogadores. (Heizer, apud Monteiro, 2014)

A ideia ousada e insana acabou sendo um sucesso e o filme foi exibido exatamente às oito horas da noite, que era o limite estabelecido pela norma para exibir o jogo na época. Entretanto, apesar de ter sido um sucesso, Teixeira Heizer foi surpreendido pela reação da direção que o demitiu pelos custos terem sido muito além do previsto. Mas já estava implantado no coração da TV Globo a transmissão do futebol, que hoje é líder, disparada, de audiência no segmento, chegando a atingir mais de 30 pontos de audiência na transmissão de um jogo, de acordo com o IBOPE. Cinco anos depois da primeira transmissão, a Globo transmitia a sua primeira Copa do Mundo, no México, em 1970, onde o Brasil se sagrou tricampeã mundial. Ano em que começavam as primeiras transmissões a cores, sendo a primeira apenas para convidados da Embratel para uma transmissão experimental. A maioria da população, tirando essa pequena parcela, assistiu à Copa em preto e branco.

Com o tempo a televisão foi se tornando mais popular e mais acessível para a parcela da população que antes se restringia apenas ao rádio. Com isso, as transmissões foram se desenvolvendo e trazendo mais riqueza. Nos anos 90, a ESPN passou a usar os melhores momentos, que hoje é visto em qualquer tipo de transmissão, mas na época, ao invés dos

comentários, como vemos nos dias de hoje, era usado uma trilha para cobrir os lances. A emissora também inovou ao colocar uma câmera na cabine de transmissão pela primeira vez para mostrar o narrador e o comentarista. Foi inserido, também, na tela algo que hoje é básico: o placar da partida e o cronômetro marcando o tempo de jogo. Também nos anos 90, a TV Cultura, que já transmitia jogos de futebol, adquiriu os direitos de transmissão do Campeonato Alemão, que para os padrões da época era um verdadeiro espetáculo com direito a grua, câmera sob trilho na lateral do gramado e mais uma infinidade de novidades.

4.2 – O DESAFIO DA NARRAÇÃO NA TV

Com o desenvolvimento da televisão em diversos aspectos, um fator parecia não agradar tanto ao público quanto aos narradores: o estilo de narração. Muito se critica até hoje a narração do futebol na televisão. Narrar com mais vibração como no rádio ou dar um tom mais sóbrio à transmissão? Descrever o que a imagem mostra e ser redundante ou complementar o que o telespectador já está vendo com comentários? O que agrada mais? Até hoje esta é uma questão que deixa brechas para discussão. Para Luís Roberto, da TV Globo, a narração não é tudo em uma transmissão. A soma dos fatores faz um grande evento.

Difícil falar em narração ideal na televisão. No Brasil temos uma narração que se aproxima do que temos pelo mundo inteiro. O legal é o narrador ter conhecimento do que está transmitindo. Ter comentaristas que ajudem a decifrar o que está rolando. Entra também o carisma do jornalista, o jeito de colocar as informações, a intensidade da emoção deve ser compatível com os fatos. E principalmente respeitar e entender as imagens que estão sendo mostradas. (Roberto, apud Monteiro, 2014)

No cenário da narração já tivemos exemplos dos dois tipos de casos como ainda vemos até hoje. Da tradicional narração de Paulo Stein, da extinta TV Manchete, até o líder de audiência da TV Globo, Galvão Bueno que optaram ou optam por narrar o óbvio, ou seja, aquilo que o telespectador pode ver. “David Luiz com a bola, toca para Thiago Silva, abre na ponta direta com Marcelo, tocou em profundidade para Neymar”. Por ser líder de audiência, Galvão tem milhares de telespectadores e recebe muitas críticas, mas a maioria delas é por narrar o que o telespectador já está vendo.

(GUERRA, 2006) cita um artigo de Mario Prata, no jornal Folha de São Paulo, que fala sobre uma observação feita por um americano ao ver uma transmissão de televisão no Brasil.

- Por que o locutor diz que o jogador caiu?
- Porque caiu, uai.
- Sim, eu vi que ele caiu. É televisão. Ele não precisa me dizer. Olha lá, dizendo que o goleiro pegou a bola. Eu vi! Será que ele não pode me deixar assistir em paz? É televisão ou rádio?
- Penso: - É que antes era rádio e eles acostumaram a narrar tudo.
- Mas então alguém precisa dizer para eles que a gente não é cego. Olha lá: dizendo que foi falta. Eu vi!
- O americano estava certo, os nossos locutores de televisão acham que estão transmitindo pelo rádio.
- Se o juiz já disse que vai ter mais três minutos de jogo, se o sujeito já levantou a placa mostrando, se lá em cima da televisão está dizendo que vamos ter mais três minutos de acréscimo, por que o locutor tem que avisar à gente que vamos ter mais três minutos de jogo? E precisa dizer que o jogo vai até aos 48 minutos? Não é meio óbvio?
- O americano estava certo.

Portanto, a redundância de narrar o que se vê precisaria ser corrigida. A transmissão na televisão teria de arrumar uma solução para se tornar atraente e assim fez. Por outro lado, um narrador que costuma ser bastante elogiado pelo público é Silvio Luiz, justamente por fazer o contrário. Com início de carreira no rádio, por influência de sua mãe que era atriz de rádio novela, Silvio Luiz começou como a maioria dos narradores que hoje despontam nas transmissões televisivas, porém, não mostra uma grande influência do rádio como os demais e é tido como um dos únicos que encontrou a fórmula de transmitir o futebol pela TV sem cair na mesmice. Curiosamente seu estilo não foi imitado até hoje. De acordo com ele porque a cópia logo seria identificada. (GUERRA, 2002, p.113)

Na TV Record, de São Paulo, Silvio Luiz, levado por Leônidas da Silva (ex-craque da Seleção Brasileira e do São Paulo), fazia reportagens de campo. Com a morte de Geraldo José de Almeida, em 1976, a Record ficou sem seu principal nome da narração, e Silvio passou a se revezar nos comentários dos jogos e na narração. Com a pressão de ocupar o lugar por onde passaram grandes narradores como Raul Tabajara e Geraldo José de Almeida, Silvio Luiz optou por um estilo único que rompia com o padrão clássico da narração em televisão e passou a criar bordões, fazer brincadeiras e até avisar no ar que havia problemas técnicos na transmissão. Para Silvio Luiz era simples: o telespectador estava vendo o que ocorria. Não era preciso dizer o que ele já sabia. Ao invés de descrever cada jogador que tocava na bola e utilizar a redundância como todos os outros narradores, Silvio Luiz criava um diálogo com o telespectador. Narrava como se estivesse fazendo comentários de arquibancada.

Em vez de narrar o óbvio, ele ia além, ampliava os limites da tela, cantando o lance seguinte, pedindo marcação e deslocamentos, apontando os jogadores em melhores condições para a sequência da jogada, exatamente como um torcedor na geral. A forma como ele fazia isso também era um choque: era um narrador de televisão gritando frases de arquibancada: “dá, dá pra ele”, “encosta para receber”, “tá livre na ponta”, “cada um pega um”, “vai chorar na cama que é lugar quente”, “se mexe no ataque”. (Guerra, 2002, p.111)

E era justamente vendo o jogo em casa pela televisão ou na arquibancada, conversando com torcedores, que Silvio inventava seus bordões. Ele admite que buscava na transmissão algo para assimilar o pensamento do torcedor.

Eu não estudei esse troço aí. Eu achei que você ia ter que estar em casa, vendo a televisão, e quem estivesse transmitindo o jogo teria uma conversa com você.. Você tem que estabelecer um diálogo... Você ser obrigado a ouvir aquilo que você está vendo é o que mais me irrita na transmissão da TV. Pô, eu estou vendo que o nego chutou com a perna direita, estou vendo que o nego cabeceou... Tem gente que gosta, pois vai ao banheiro e fica ouvindo, ou alega que é para quem tem deficiência visual, então seria necessário este tipo de narração redundante. Mas estas pessoas com deficiência visual são uma minoria... O problema é a imagem. Ela te ajuda e te derruba. Como você dá emoção a uma coisa que o sujeito vê e que não tem emoção? “Lateral toca para o zagueiro e esse recua para o goleiro.” Qual é a emoção do lance? Você pode criticar aquilo: “Isso é uma palhaçada”, a emoção que você pode dar é essa aí. É legendar a imagem com um tom de voz um pouco mais alto. (Luiz citado por Guerra, 2002, p.111)

Mas não são todos os narradores que têm essa visão de Silvio Luiz. Pelo contrário. Hoje em dia é normal vermos narradores apelando para redundância na televisão. Algumas vezes, não apenas para passar emoção, mas para que uma parte do público, que não é tão especializada, entenda o que está acontecendo. Na TV aberta, isso é mais comum, visto que o público atingido abrange tanto pessoas que entendem a acompanham esportes como aqueles que não têm esse costume. Nesse caso, ser redundante faz sentido. Já em um canal por assinatura como Sportv, ESPN ou FOX Sports, não há tanta necessidade de empregar esta redundância, já que o público é mais restrito aos que acompanham diariamente. Um narrador que faz sucesso atualmente pelos bordões, lembrando bastante Silvio Luiz, é Milton Leite, do Sportv. Milton, de São Paulo, divide há algum tempo a liderança do canal, ao lado de Luiz Carlos Júnior, do Rio de Janeiro. Com bordões semelhantes ao de Silvio Luiz, Milton Leite caiu na graça dos torcedores com o que podemos considerar que seja a evolução das técnicas de Silvio Luiz. Quando algum jogador erra, por exemplo, ele fala: “Queeee belezaaa!!”.

Em partidas internacionais, como foi o caso do Mundial de Clubes disputado pelo Corinthians, em 2012, no Japão, ele adaptava o seu tradicional bordão para língua do país e quando um jogador cometia um erro ele soltava o famoso: “Queee belezaaa!!” E completava dizendo, “Ou então no Japonês...” e falava o termo em japonês. Criatividades como essa, prendem o telespectador, e o faz ser lembrado nas conversas de amigos ou então no futebol de final de semana.

No caso de Luís Roberto, por exemplo, a redundância é empregada de forma mais clara por atingir uma parcela maior da população brasileira. Vindo do rádio, Luís Roberto teve que adaptar sua narração para televisão, de forma a complementar a imagem. Nesse quesito, Luís Roberto, assim como Silvio Luiz, vê grandes diferenças da narração do rádio para televisão.

Enormes diferenças. O “texto” usado na televisão é uma dobradinha da narração com a imagem. No rádio a dobradinha é com a imaginação das pessoas. O rádio se ocupa do espaço. Na televisão se respeita o silêncio. Na TV a empatia, a conquista do público é feita pelo som e pela imagem dos jornalistas. O tom de voz deve estar em sintonia com as imagens. No rádio a percepção é feita apenas pela voz. Pelo jeito de falar. No esporte, então, nem se fala. A narração dá vida as imagens, é primordial estar em cima do vídeo, as pessoas prestam atenção no conjunto imagem/áudio. Se falar de algo que não está na tela você interrompe a comunicação. No rádio a narração cria a imagem. O importante é o que o locutor está falando. (Roberto, apud Monteiro, 2014)

Como a televisão busca sempre se reinventar e trazer novos recursos, assim como o rádio e a internet, a TV Globo, recentemente, vem apostando em uma nova forma de narrar com o ex-comissário de bordo, e agora apresentador do Globo Esporte, Alex Escobar. Escobar virou sucesso popular na criação do quadro “Cafézinho com Escobar”, no qual o então apresentador do Globo Esporte ia para as ruas do Rio de Janeiro fazer o que tradicionalmente é chamado de “povo fala” na gíria jornalística. Sempre no dia seguinte dos jogos, Alex Escobar ouvia os torcedores nos grandes centros da cidade sobre a situação dos clubes do Rio, sempre em tom de brincadeira e descontração. O quadro foi um sucesso e Escobar que nunca escondeu seu sonho de virar narrador ganhou a chance de comandar as transmissões da Globo. Seu estilo, entretanto, foge da tradicional narração de Luís Roberto e tantos outros narradores da atualidade. Escobar tem um estilo mais popular, e levou sua irreverência usada nas ruas, para a tela da Globo. Apesar de narrar vários jogos, principalmente de clubes cariocas, Escobar foi criticado por sair muito do comum.

5 – ESTUDO DE CASO

Neste quinto capítulo, pretendemos compreender melhor a narração esportiva. Após estudar a origem da narração, a origem do jornalismo e o jornalismo esportivo, precisamos entrar na cabeça de quem faz e de quem acompanha a narração. Para compreender cada detalhe, característica e peculiaridade.

Para atingir este objetivo, procuramos vinte e cinco narradores, de diferentes canais de televisão espalhados pelo Brasil. Porém, apenas dezesseis responderam, em sua maioria, narradores do canal fechado SporTV. Embora a grande maioria seja do mesmo canal, os profissionais vêm de diferentes partes do país, misturando culturas, referências, gostos e características. Desta forma, podemos apresentar um resultado variado, com opiniões divergentes.

Além dos narradores, também procuramos telespectadores. Afinal, o primeiro a avaliar um narrador é aquele que o assiste. Ou, em caso de não aprovação, aquele que deixa de assistir. A participação do telespectador é importante para sabermos como o público julga a atuação dos narradores. Para isso, enviamos, por e-mail, perguntas para 30 telespectadores de três regiões do país: Sul, Sudeste e Nordeste. Procuramos pessoas que fazem parte do público do futebol. Em sua maioria, estudantes de jornalismo, ou jornalistas recém-formados que acompanham o trabalho de diversos narradores. Porém, apenas 13 responderam. Pela diversidade de regiões e culturas, podemos estabelecer algumas impressões.

5.1 – NARRADORES

Aos narradores, foram feitas seis perguntas (ANEXO 1), as quais julgamos necessárias para entendermos sua origem, suas referências, seus métodos de trabalho, seus critérios, suas preferências e suas intenções.

A primeira delas foi a respeito de suas origens. Perguntamos como começou o interesse do profissional pela atuação de narrador. Dentre as dezesseis respostas, chama atenção o número de vezes em que o rádio é citado. Em seis respostas, o narrador afirma que o interesse veio de quando ouvia rádio na infância. Em outras, o narrador deixa isso subentendido, mas não cita diretamente o veículo.

A resposta de Jota Junior (APÊNDICE B) ilustra isso.

Sempre me interessei por narrações esportivas desde 9, 10 anos de idade, ouvindo rádio. Nessa época a televisão não fazia transmissões ao vivo e por isso o rádio imperava nas coberturas esportivas. Meus pais contavam que desde pequeno eu parava para acompanhar as transmissões de futebol pelo rádio. Começou bem cedo, mas não sei dizer o "porque" disso. (JOTA JR, APÊNDICE B)

Outro fator que chama a atenção é a quantidade de vezes em que o futebol de botão é citado como origem do gosto pela narração. Em sete, das dezesseis respostas, é possível notar a relação da narração com a popular brincadeira. Os narradores contam que, na infância, narravam seus próprios jogos de botão e inclusive campeonatos disputado entre conhecidos do bairro onde morava, como Jaime Júnior (APÊNDICE O).

Foi natural. Foi acontecendo. Narrava os campeonatos de futebol de botão do meu bairro. Depois evoluiu para o vídeo game. Na adolescência eu subia na laje dos vestiários dos campos de futebol pra narrar com o meu gravador na mão. Aí veio o rádio, e TV. (JAIME JUNIOR, APÊNDICE O)

Ainda no campo das brincadeiras, chama atenção a evolução delas. Enquanto muitos citaram o futebol de botão como fundamental em sua vontade de ser narrador, destaca-se a resposta de Bruno Souza (APÊNDICE A). Bruno tem 29 anos de idade e é da nova geração de narradores. Ele destaca o vídeo-game como um dos pilares em seu início como narrador: “Na adolescência, narrando os jogos no vídeo-game e assistindo aos eventos na Globo e Bandeirantes”.

Em contra partida, alguns narradores afirmaram que não tinham interesse inicialmente pela narração e que a mesma foi um processo natural em sua carreira. Uma das respostas que mais chama atenção é de um dos principais narradores da atualidade, que sempre alcança altos índices de audiência, Luiz Carlos Junior (APÊNDICE P).

Não houve interesse inicial. Na verdade, minha carreira, basicamente, é fruto de um acaso. Eu comecei a trabalhar em rádio porque um amigo meu me disse que ia trabalhar, estava gravando uns pilotos, se preparando para começar a trabalhar. Eu fui com ele como amigo, para ver, achei engraçado, me interessei, gravei um pouquinho. Acabei fazendo um teste e sendo contratado. De certa forma a mesma coisa aconteceu em relação à narração. Depois do rádio eu gravei pilotos de apresentação na TV Globo, apresentação do Globo Esporte. Foram esses pilotos que me levaram a ser contratado pela Globosat, na primeira leva, no primeiro time do TOP SPORT, que era o SporTV da época, e eu seria apresentador. Acontece que não tinha estúdio, não tinha programa para ser apresentado. Então eu tive que narrar a princípio programas, se não, não teria utilidade, então tive que narrar programas. Primeiro fiz a linha jovem, em programas radicais de skate, surfe, neve. Surgiu a oportunidade de narrar um jogo de vôlei, porque o narrador do jogo de vôlei escalado não apareceu. Eu tinha jogado vôlei, então narrei. Gostaram, fiquei narrando vôlei, um dia aconteceu isso com basquete, depois com futebol. Nunca houve interesse específico, “quero ser um narrador”. Nunca pensei em ser narrador na vida. Mesmo trabalhando em televisão, minha primeira ideia era ser apresentador, não narrador. (LUIZ CARLOS JR, APÊNDICE P)

A segunda pergunta feita aos narradores (ANEXO 1) também foi voltada para o campo das origens. Ela pretendia saber em quais profissionais os narradores entrevistados se inspiravam. Perguntamos aos narradores quem eram suas referências na narração esportiva.

O nome mais vezes citado pelos narradores entrevistados como referência foi o de Galvão Bueno. O narrador titular da TV Globo foi citado por dez, dos dezesseis entrevistados. Para se ter uma ideia da importância e do destaque de Galvão Bueno, o segundo narrador mais citado como referência foi Luciano do Valle, que passou pela Globo e pela Bandeirantes, com apenas cinco citações, metade do número de Galvão Bueno.

Um dos que mencionou os dois como referência foi Luiz Carlos Junior (APÊNDICE P).

No momento que eu tive que narrar, eu precisei buscar alguma referência. Obviamente, era os dois narradores da época: Galvão Bueno e Luciano do Valle, foram os dois que cresci ouvindo. Mais o Galvão, porque o Luciano saiu da Globo no início da década de 80, então na minha adolescência, quando consolidei meu gosto por televisão, quem eu mais via era o Galvão. A referência inicial do Luciano e do Galvão, mas mais do Galvão do Bueno. (LUIZ CARLOS JUNIOR, APÊNDICE P)

Algumas respostas diferentes chamaram atenção. Um dos narradores mais experientes entrevistados foi Jota Junior (APÊNDICE B), de 66 anos. Ele destaca como referência vários

locutores de rádio, que contribuíram para a popularização do esporte e do próprio rádio no país.

Vários profissionais me impressionaram desde quando comecei a ouvir o rádio esportivo: Darcy Reis, Pedro Luís, Edson Leite, Fiori Gigliotte, Haroldo Fernandes, Flávio Araújo, José Paulo de Andrade, Joseval Peixoto, Geraldo José de Almeida. Ouvi todos eles com muita atenção e admiração pela rapidez de raciocínio e a facilidade com que descreviam as jogadas. (JOTA JUNIOR, APÊNDICE B)

Outra resposta diferenciada que chama atenção é a de Antero Neto (APÊNDICE K). Cearense, natural de Aracati, ele afirma que a inspiração para ser narrador veio do pai, Jussie Cunha, radialista no Ceará.

Eu me inspirei inicialmente no meu pai. Aliás, me inspiro ainda hoje. Não porque seja meu pai, mas ele é um baita narrador! Reúne voz bonita, boa dicção, precisão nos lances e emoção. Mas, claro, que no início buscamos catar um pouco de algumas características de outros narradores até que cheguemos ao nosso estilo. Não é rápido, é um processo lento. (ANTERO NETO, APÊNDICE K)

A terceira pergunta (ANEXO 1) feita aos narradores entrevistados foi sobre as diferentes escolas de narração. A ideia é descobrir a forma como cada um deles, com sua cultura e origem individual, observa e avalia os diferentes estilos de narração.

Entre as respostas mais recorrentes para investigar os diferentes estilos de narração estão dois pilares: a diferença entre rádio e televisão e as diferenças regionais. Cada uma delas é citada cinco vezes.

Eduardo Moreno (APÊNDICE H) fala sobre essas duas perspectivas.

Acredito que sim. As particularidades da cultura de cada região exercem influencia no estilo de narração, principalmente no rádio que, especialmente pré-internet, sempre teve um caráter mais regional (a TV geralmente expressa um estilo mais "pasteurizado" por ter um alcance nacional, acho que a escola não se destaca tanto no estilo de transmissão). Nas rádios do RJ, por exemplo, o estilo é mais informal, mais descontraído do que em SP, MG ou no RS, refletindo um pouco o comportamento e o estilo de vida da região. (EDUARDO MORENO, APÊNDICE H)

Uma das respostas que evidenciam a importância da separação de rádio e televisão para analisar características das escolas de narração é a de Jader Rocha (APÊNDICE N).

Rádio e TV são completamente diferentes. No rádio, se lida com a criatividade e o improviso o tempo todo. É fundamental para que o ouvinte possa ser inserido no jogo, situado em cada ponto, detalhe que é trazido pela narração. Na TV, a narração é mais pausada. Têm-se tempo para acrescentar uma informação ou outra, que ajuda o telespectador a ficar ligado na transmissão. (JADER ROCHA, APÊNDICE N)

Quem evidencia o outro ponto é Jota Junior (APÊNDICE B). Para ele, as diferenças regionais interferem diretamente nos estilos de narração.

Falo do rádio de quando comecei a ouvir. Houve, sim, vertentes nos estilos de narração. (...) Depois o rádio foi se modificando e foi liberando os locutores da fidelidade total ao que estava acontecendo em campo, dando margem à brincadeiras e descontração. Falo do rádio paulista, que era o que eu mais ouvia na infância e juventude No rádio carioca, por exemplo, sempre houve liberdade para descontração, bem ao estilo cultural do Rio de Janeiro. Perfeitamente natural e normal que assim fosse. (JOTA JUNIOR, APÊNDICE B)

Algumas respostas fugiram do usual e não destacaram as diferenças entre rádio e televisão, nem as diferenças regionais. Antero Neto (APÊNDICE K) destaca as mudanças da sociedade como um todo como interferentes no estilo da narração.

Mas a narração se modificou ao longo do tempo criando assim as escolas. Acho que o mundo influencia na narração. Hoje temos um mundo mais agitado, ágil! E hoje a narração é mais rápida também. Contudo, ainda temos a escola de uma narração mais cadenciada. Eu me encaixo na narração mais rápida. Vai de como cada um se sente melhor. (ANTERO NETO, APÊNDICE K)

O narrador André Laurent (APÊNDICE J), responde que uma das principais escolas de narração e formadoras de estilo é a TV Globo.

Acho que existe uma grande universidade chamada TV Globo. Poucas emissoras conseguem realizar parecido no mundo. Por mais que os narradores dela tenham estilos diferentes, todos tem compromissos com a qualidade de informação e entretenimento. Além, claro, de utilizarem da forma mais eficaz os recursos tecnológicos oferecidos pela emissora e interagirem sempre que possível com os telespectadores. (ANTERO NETO, APÊNDICE J)

Outra resposta que chama atenção é a de Paulo Stein (APÊNDICE G). Ele acredita que é a personalidade da pessoa que define o estilo que ela vai ter como narrador e não

qualquer influência externa. “Não creio em escola. Por mais que você goste de algum narrador, quando você se torna profissional a sua personalidade se sobrepõe. E cada um acaba criando um estilo próprio”.

A quarta pergunta (ANEXO 1) feita aos narradores foi elaborada com a proposta de entender o que eles julgam como principais fundamentos de uma narração. A ideia era saber, segundo os narradores, quais características são obrigatórias, independente do estilo adotado pelo narrador.

Esta, talvez, tenha sido a pergunta com mais variações de respostas. Poucas deles soam parecidas. Cada narrador preferiu destacar um ponto. Mas, com uma leitura geral, percebemos que eles se baseiam em torno de alguns aspectos, como bem resume Eduardo Moreno (APÊNDICE H).

O narrador nunca deve esquecer que ele é um jornalista e, por isso, deve se preocupar em transmitir a verdade dos fatos que acontecem naquele momento. E paralelamente a isso, o narrador deve contar bem essa história e contar bem a história de um jogo, de uma luta, de uma corrida, etc, é levar emoção, contar o que está em jogo, o que vale, o que pode acontecer, o que o telespectador deve estar atento, enfim, "vender" bem aquela história. (EDUARDO MORENO, APÊNDICE H)

Outra resposta que explica bem dois dos pontos mais citados é a de Luiz Carlos Junior (APÊNDICE P). Ele afirma que a narração deve ser pautada na precisão e no equilíbrio do tom e explica.

O que pauta o narrador de televisão é a precisão. Para mim, muito mais importante que o bordão, é saber acertar exatamente quem está com a bola, porque o telespectador em casa está vendo, ele conhece, é o time dele. Se você chama o Neymar de Robinho, o torcedor do Santos da época saberia, “não cara, esse não é o Robinho, é o Neymar”. Ele te corrige na hora, eventualmente com xingamentos. Acho que muito importante para a televisão é ser preciso, porque em casa quem está te vendo tem a oportunidade de conferir se você está certo ou errado, diferentemente do rádio, que ninguém está vendo. Uma coisa que eu desenvolvi: instintivamente, ao longo do tempo, muita gente diz que minha narração é emocionante, é muito importante você estar no tom adequado, transmitir a emoção do evento, do jogo, mas num tom adequado. Sem que você esteja acima do evento, para não parecer um delirante gritando, transmitindo uma emoção que o evento não traz. Obviamente, não estar abaixo, num jogo emocionante, você estar com uma narração morta. São duas coisas que considero importante: você ser muito preciso o tempo inteiro em relação a ação e preciso também no tom que está utilizando para contar as histórias. (...) Você tem que ter precisão, vocabulário, incrível rapidez de raciocínio. Obviamente cultura esportiva e pessoal, porque em vários momentos da narração surgem situações onde você tem que buscar uma cultura geral, não cultura esportiva, você tem que ter um embasamento cultural. Obviamente isso representa você verbalizar melhor. Um exemplo: eu busco o tempo inteiro variar a utilização dos verbos: “fulano toca, fulano passa”. Se não fica assim: “Neymar toca para Robinho, Robinho toca para Felipe Luís, Felipe Luís toca para David Luiz”. Então vou variando como vou descrevendo o lance. Tenho o tempo inteiro na cabeça, “opa, repeti, não posso repetir. Usei o verbo tal, vou usar o verbo outro. Estou há um minuto e meio no tom lá em cima, deixa eu descer o tom”. A narração é uma música, é um cantar no ouvido das pessoas. Você tem que ter variações de ritmo, de tom, de velocidade e utilizar pausas. (LUIZ CARLOS JUNIOR, APÊNDICE P)

Luís Roberto (APÊNDICE L) acrescenta uma colocação importante. Ele pensa que o narrador, em seus princípios básicos, deve conhecer as características específicas daquele esporte que vai narrar.

O narrador é o mestre de cerimônia. Ele apresenta o evento. É preciso ter domínio da situação. Conhecimento de regras, regulamento, dos personagens. É fundamental conhecer do esporte, afinal a estratégia, que chamamos de tática, é decisiva no andamento da competição. Conhecimento técnico pra dimensionar os movimentos dos atletas. E adequação para o veículo, TV aberta, TV fechada, rádio e por aí vai. (LUÍS ROBERTO, APÊNDICE L)

Uma das respostas mais diferentes das de mais, que abordou um ponto específico da narração é a de André Laurent (APÊNDICE J). Ele acredita que, atualmente, o narrador, em seu exercício profissional, deve se pautar na interatividade.

Informação de qualidade, interatividade e responsabilidade. Explico: uma partida de futebol é uma forma de entretenimento. Mas, sem informação, não está completa. Quem assiste ao jogo, quer saber quem joga, quem está vencendo a outra partida ou porque o time dele não está chegando ao ataque. A interatividade, na minha avaliação, é o canal para que essa informação circule. O repórter traz as informações que podem acrescentar, e muito, ao que foge do olhar do narrador. As mensagens instantâneas do telespectador podem exigir uma nova análise do comentarista. A responsabilidade está em saber respeitar a paixão do torcedor e o trabalho árduo dos profissionais do futebol. (ANDRÉ LAURENT, APÊNDICE J).

Também chama atenção um assunto abordado por Jota Junior (APÊNDICE B). Jota lembra que o narrador deve estar entrosado e em sintonia com o diretor de imagens, porque, para ele, são elas que ditam o ritmo do evento.

Já o narrador de televisão precisa dar total prioridade às imagens. Elas é que são importantes numa transmissão. E depois pontuar as jogadas, ilustrar o evento com dados interessantes e sempre oferecer ao telespectador a identificação de quem detém a bola nos pés. À par disso tudo, trabalhar em sincronia com o diretor de imagens, legendando as imagens com fidelidade. (JOTA JUNIOR, APÊNDICE B)

A quinta pergunta (ANEXO 1) feita aos narradores se dividiu em duas. A primeira delas é sobre bordões. Pretendemos, através desta, entender qual o processo de criação dos bordões e porque eles funcionam com o público. A segunda parte da pergunta questionava aos narradores quais eram as principais características de uma narração.

Dos dezesseis narradores que responderam à entrevista, onze afirmam que o bordão é algo que surge naturalmente, de forma espontâneo, sem ser antes pensado ou premeditado, como avalia Claudio Uchôa (APÊNDICE D)

Os grandes nomes que têm marca registrada costumam dizer que vêm com naturalidade. E acho que é o melhor caminho mesmo. Se for espontâneo, certamente vai encontrar eco no público. Mas só nesses casos. Ainda considero que deveriam ser usados com cautela para evitar a banalização. É um belo acessório, mas não é tudo em um evento. (CLAUDIO UCHOA, APÊNDICE D)

Odinei Ribeiro (APÊNDICE C) é um dos que confirmam, com seu próprio exemplo, o que foi dito por Claudio Uchôa.

Dos meus bordões, nenhum foi ensaiado em casa, surgiu na hora, como: Por todos os ângulossss pra você curtir(surgiu em um jogo que eu dei todos os detalhes do gol, e valorizando as câmeras, então, o meu coordenador me disse que gostava do meu gol porque eu o pegava "por todos os ângulos"...o monstrooooo na enterrada do basquete, da mesma forma, eu vibrei com uma cravada e coordenador gritou no caminhão, você está monstro hoje, e na outra enterrada usei o monstroooo e pegou! (ODINEI RIBEIRO, APÊNDICE C)

Um dos principais narradores da atualidade, titular do SporTV em São Paulo, Milton Leite (APÊNDICE E) se tornou conhecido, em parte, por conta dos uso de seus bordões como “Que Beleza!” e “Que fase!”. Ele também afirma que surgiram de forma natural.

No meu caso, não houve planejamento, nem intenção. Eram frases, expressões que eu usava com meus amigos, amigos usavam comigo, um dia entraram em transmissões, agradaram e forma ficando. Não acho que eles sejam a parte principal, muito menos que sejam fundamentais no meu trabalho. (MILTON LEITE, APÊNDICE E)

Em contrapartida está Luiz Carlos Junior (APÊNDICE P). Narrador titular do SporTV desde a sua inauguração, ele não é adepto dos bordões e prefere evitá-los. Ele traz uma opinião interessante. Para Luiz, o público é o responsável por tornar o modo de falar do narrador em um bordão.

Como já falei anteriormente, não gosto da utilização de bordões. O que acho que acontece é que a gente acaba repetindo um jeito de falar. Então, no meu caso específico, acabei reparando, através de redes sociais, por exemplo, que as pessoas me escreviam falando assim: “no peito, na grama”, que era uma situação que eu usava na narração, o cara mata no peito, a bola bate na gram. Eu falava: “Neymar, no peito, na grama” e isso para as pessoas vira um bordão, vira algo parecido com um bordão. Ai que eu digo que não vejo a necessidade de buscar um bordão, essas coisas surgem naturalmente e as pessoas entendem que você se torna característico através dessas coisas. (LUIZ CARLOS JUNIOR, APÊNDICE P)

Sobre as características da narração, a maioria das respostas foi baseadas nas respostas da questão 4 (ANEXO 1), com algumas diferenças, como a afirmação de Cléber Machado (APÊNDICE M).

Saber informar sem esquecer o jogo. Usar comentaristas sem atrapalhar os lances. Valorizar imagens. Perceber algo no evento que pode ser destacado, pode agir com um fio condutor da transmissão. Tentar sempre contar a história daquele jogo, dos personagens e perceber como está se desenvolvendo o enredo da trama. E se envolver, sentir mesmo o que está acontecendo, imaginar com o telespectador está, despertar nele o interesse, destacar um detalhe. (CLÉBER MACHADO, APÊNDICE M)

Outro a valorizar a imagem foi Luís Roberto (APÊNDICE L).

As características de narração na TV esta ligada diretamente as imagens. O narrador tem que dar vida aquilo que as pessoas estão vendo. Se sair da imagem, ninguém presta atenção no que se esta falando. Informação na medida e na hora certas. E os ingredientes que citei acima sobre a atuação do narrador. (LUÍS ROBERTO, APÊNDICE L).

A última pergunta (ANEXO 1) feita aos narradores foi sobre uma situação cada vez mais recorrente, até por conta das redes sociais: a interatividade com o telespectador. Perguntamos a eles como que fazem para administrar a interatividade. Dos narradores entrevistados, apenas 5 não citam ou não usam redes sociais para estabelecer contato com o público. Um deles é Paulo Stein (APÊNDICE G), que fala da relação pessoal com o público.

Na linguagem da comunicação se diz que fulano tem carisma. Segundo o Aurélio carisma é o conjunto de qualidades especiais de liderança e individualidade. Eu acrescento a simpatia a educação e o respeito. Essa fórmula é imbatível para o sucesso junto ao público. (PAULO STEIN, APÊNDICE G)

Quem também não usa as redes sociais ou a internet é Luís Roberto (APÊNDICE L). O narrador da TV Globo, entretanto, valoriza o contato pessoal que tem com os telespectadores durante as viagens que faz para transmitir jogos e celebra essa proximidade.

Alguns usam redes sociais, outros se valem de correspondência tradicional. Mas no nosso caso temos uma possibilidade que é uma jóia. Viajamos o tempo todo, e o contato direto com as pessoas é a melhor maneira de fazer essa interação. Quem se isola, se perde pelo caminho. (LUÍS ROBERTO, APÊNDICE L).

Por outro lado, Luiz Carlos Junior (APÊNDICE P) se utiliza bastante das redes sociais. Através do Twitter, Facebook e Instagram, nesta última plataforma ele possui cerca

de 45 mil seguidores, Luiz estabelece contato diário com o público, mas não deixa de valorizar os encontros pessoais.

Hoje em dia, já citei redes sociais, onde estão em contato com a gente. Tem muitos elogios no Twitter, mas tem muitos xingamentos, o torcedor do Twitter é muito agressivo, digamos assim. As de mais plataformas, Facebook, Instagram, são tranquilas, então tem muita interação através de redes sociais. E tem muita interação na rua, o narrador quando se torna razoavelmente conhecido, quando anda na rua, tem o feedback do torcedor que procura, que comenta. (...) Então, tem muito disso: o cara te encontra na rua quer bater um papo, quer dizer a opinião dele a respeito de tal jogo, jogador ou situação, quer bater foto, selfie. (...) Hoje, o tempo inteiro tem contato com quem te assiste. Uma vez que você faz um agrado, dá atenção, dá um sorriso, tira uma foto, o cara vai gostar de você para sempre. Ao passo que se você fizer o contrário, o cara vai, eternamente, te olhar na televisão e falar “isso é uma marrada danada, esse cara é um mascarado”. (LUIZ CARLOS JUNIOR, APÊNDICE P)

Quem foge um pouco do senso comum na maioria das respostas e não cita contato pessoal, nem redes sociais é Cléber Machado (APÊNDICE M). Cléber sugere outra forma de interação: a que se dá durante as transmissões. Ele explica como é feita.

Trazendo o telespectador para aquele cenário. Mostrando a ele a importância do jogo, de um lance, o clima, o ambiente, tentar ter a sensibilidade para notar algo nos personagens que possam interessar a quem assiste. E, atualmente, há a interação por meio de internet, com mensagens, aplicativos, perguntas. Outra coisa é a interpretação dos dados da partida, dos números do jogo, para que sejam relevantes e façam o telespectador atentar para eles, notar como eles podem conduzir o confronto. Entre outras coisas, claro. Penso que essa questão de interação, com as ferramentas de hoje, ainda estão a se desenvolver. (CLÉBER MACHADO, APÊNDICE M)

Julio Oliveira (APÊNDICE I) traz um raciocínio que veremos refletidos mais a frente nas opiniões dos telespectadores. Para Julio, ainda existem muito mais pessoas acompanhando a transmissão do que querendo interagir. Segundo ele, esse número ainda é baixo.

As emissoras tem buscado caminhos diferentes. Algumas mais intensas nessa troca simultânea, outras não. A interatividade veio para ficar, mas é preciso cuidado. O universo dos que acompanham ainda é infinitamente maior dos que interagem. Por isso, é preciso cautela. Tem que se falar para os dois. O equilíbrio é o melhor caminho. Ainda penso que quem liga um aparelho de tv quer assistir algo. Quem troca mensagens, quer "trocar" opinião. Então é preciso entender onde se cabe e não se cabe a interação. (JULIO OLIVEIRA, APÊNDICE I)

Feita a análise sobre o que dizem os narradores, vamos descobrir agora o que pensam os telespectadores sobre o trabalho destes profissionais.

5.2 - TELESPECTADORES

Aos telespectadores, também foram feitas seis perguntas (ANEXO 2), as quais julgamos necessárias para entendermos sua opinião, seu modo de ver, de observar e de julgar narradores. Pretendemos, com estas perguntas, entender o que pensam os telespectadores a respeito dos narradores e das transmissões esportivas.

A primeira pergunta (ANEXO 2) feita aos telespectadores foi direta. Gostaríamos de saber quem são os narradores preferidos de cada um.

Dez nomes de narradores foram citados pelos entrevistados. Os que mais se repetiram foram o de Galvão Bueno e Luís Roberto, da TV Globo, e Milton Leite, do SporTV, três vezes cada.

Apenas dois narradores citados não são do Grupo Globo. Paulo Andrade, dos canais ESPN, e Gustavo Villani, da FOX Sports.

Chama atenção a resposta de Camila Almeida (APÊNDICE A.1). Ela é do Nordeste e destaca um dos principais nomes da narração de sua região: Rembrandt Junior.

O locutor Paulo Andrade, dos canais ESPN, é citado por duas vezes. Nelas, o entrevistado afirma que ele é “mais completo” e passa mais informação, como afirma Giovane Rezende (APÊNDICE S): “Varia muito, pela emoção e descontração, Milton Leite, do Sportv. Pela informação, Paulo Andrade, da Espn. Hoje, prefiro o Paulo.”

Outra resposta que se destaca é a de Luís Felipe França (APÊNDICE Y). Ele destaca quatro nomes e os separa por modalidades: “No quesito de narrador completo, escolho Paulo Andrade, da ESPN Brasil. Mas em relação à narração como locução, os narradores do

SporTV: Jader Rocha, no Futebol, Odinei Ribeiro, no Basquete, e Sérgio Maurício, no Vôlei, me agradam.”

Na segunda pergunta (ANEXO 2) feita aos telespectadores, procuramos entender o porquê dele preferir o narrador que apontou na resposta anterior.

Entre as palavras que mais aparecem nas respostas está “emoção”. Seis, dos treze entrevistados acham que a emoção que o seu narrador favorito propõe à transmissão é o motivo pelo qual o faz gostar dele, como é o caso de Rômulo Sardinha, telespectador do Sul (APÊNDICE W): “Eu acho que ele consegue passar bem a emoção e tom do evento. Tem um quê de ser um pouco sarcástico em alguns momentos, mas sempre levando informação ao telespectador. O principal para mim. Muito bem preparado.”

Enrico Monteiro (APÊNDICE T) segue a mesma linha de Rômulo Sardinha, citando a emoção. Porém, ele explica porque avalia Galvão Bueno como o seu preferido e cita uma frase do próprio Galvão: “A emoção, ele é geralmente tendencioso, mas tem uma emoção sem igual e, sobretudo, que sabe que ele vende emoção. ‘Naquele momento decidi deixar de ser vendedor de plástico e passei a ser vendedor de emoção’”.

Quem foge da palavra emoção e cita o tom adequado como qualidade de seu narrador preferido é Leandro Colares (APÊNDICE Q), que escolheu Gustavo Villani, da Fox Sports.

Acho que o Gustavo, atualmente, é quem melhor consegue dosar a informação e a emoção. Particularmente, gosto de narradores que têm algumas características de rádio, especialmente do rádio paulista, que tem o estilo mais rápido. Villani, até por ter saído do rádio recentemente, ainda tem muito desse veículo. Villani conta com boa quantidade de informações nos jogos que transmite e tem emoção necessária na voz para fazer "crescer" a partida. Gosto também da sua maneira de colocar a voz e o cuidado que tem para que ela saia sempre o mais próxima possível do ideal. Além disso, consegue "poetizar" as descrições dos gols como poucos, escolhendo bem as palavras que mais têm chance de emocionar quem está assistindo.

A terceira pergunta feita aos narradores (ANEXO 2) busca promover o debate entre rádio e televisão. Procuramos saber se os telespectadores sentem muitas semelhanças entre os narradores de TV e os de Rádio.

Dos treze entrevistados que responderam o questionário, nove acreditam que não há mais muita semelhança entre eles, como justifica Camila Almeida (APÊNDICE A.1): “Antigamente eles tinham essa proximidade acredito por fazer os dois ao mesmo tempo! Hoje é bem diferente e essa semelhança acabou sumindo”. Paloma Faustino (APÊNDICE U) defende a mesma linha:

Apesar de perceber que alguns dos grandes narradores de TV já passaram pelo rádio, na minha opinião, não há tanta semelhança devido ao formato no qual esses meios de comunicação se apresentam. Acredito que cada um se apropria de suas peculiaridades para se fazer. (PALOMA FAUSTINO, APÊNDICE U)

Enquanto isso, quem tem a opinião contrária é Luís Felipe França (APÊNDICE Y), que cita algumas semelhanças entre o narrador de rádio e o de televisão.

Acho que há algumas diferenças: o narrador de TV é mais uma ponte entre o jogo e o comentarista, além de ter uma tarefa de contextualizar o jogo e o jogador "narrado", já o do rádio deve descrever tudo o que acontece, além do jogador que está com a bola deve falar o que ele fez, quem está se movimentando dando opção para o passe, a marcação etc., coisas que facilitam o veículo que não tem a imagem como recurso. (LUÍS FELIPE FRANÇA, APÊNDICE Y)

Chama atenção a resposta de Cristiano Barbosa (VER APÊNDICE X) que procura esclarecer as duas possibilidades de resposta:

Essa pergunta merece um sim e um não. Galvão, principalmente na Copa América de 1989, coloca sim um entusiasmo dos radialistas que por não contarem com o recurso da imagem, sempre tiveram que por no calor da voz a locução. Por isso, não é o caso de outros narradores excelentes, como o Milton Leite, terem qualquer tipo de semelhança, por menor que seja com o outro veículo de mídia que é o rádio. Nesse caso, Galvão é um caso isolado. A imagem vale mais que mil palavras. (CRISTIANO BARBOSA, APÊNDICE X)

A quarta pergunta feita aos entrevistados (ANEXO 2) pretendia saber o que os telespectadores não gostam que um narrador faça. Quais são as características dos narradores que incomodam o telespectador.

A resposta que mais apareceu foi o “excesso de opinião”. Para sete, dos treze telespectadores, os narradores fogem da sua função para opinar sobre o que está acontecendo. Tarefa esta, que deveria ser do comentarista. Rafael Campos (APÊNDICE Z) foi enfático em sua resposta sobre o que o desagrada: “Pitacos”. Matheus Sampaio (APÊNDICE B.1) concorda: “Comentários e opiniões pessoais prevalecendo durante a narração. Infelizmente na TV atualmente temos alguns nomes que acabam priorizando esse estilo do que a função de narrar os lances da partida em si.”

Outros aspectos também foram levantados pelos entrevistados, como a falta de emoção e de informação. Leandro Colares (APÊNDICE Q) afirma que isso o incomoda.

Não valorizar os lances agudos do jogo. Acho que a função principal do narrador é construir um ambiente emocional para o jogo. Se ele não consegue isso, e não dá ênfase aos lances e às nuances de uma partida, desagrada. Desagrada também o narrador que não conhece sobre o que está transmitindo. Ou seja, não está munido de informações o suficiente para abastecer a transmissão. Portanto, falta de informação e emoção é o que desagrada. (LEANDRO COLARES, APÊNDICE Q).

A quinta pergunta feita aos telespectadores (ANEXO 2) foi a respeito da interatividade. Perguntamos se eles costumam mandar mensagens aos narradores. Esta foi a resposta com maior índice de concordância. Apenas dois, dos treze entrevistados, já interagiram com narradores. Giovane Rezende (APÊNDICE S) afirma que já procurou ajudar narradores com informações sobre equipes que estejam jogando.

Já mandei mensagens durante o jogo com opiniões sobre o desenrolar da partida, mas nunca sugeri nada. A não ser algum complemento de informação, quando o narrador comenta sobre alguma coisa na partida e ninguém da equipe possui uma informação que eu conheço. Se eu estou ligado no jogo, costumo mandar. Isso acontece em partidas da Copa do Brasil, por exemplo, quando se trata de alguma informação muito obscura sobre algum time de menor expressão. (GIOVANE REZENDE, APÊNDICE S)

Outro entrevistado que conta que já interagiu com narradores é Enrico Monteiro (APÊNDICE T), porém, de forma mais modesta do que Giovane: “As vezes apenas pergunto coisas no Twitter para um ou outro, mas nunca em transmissão.”

Esta pouca participação reflete o que foi citado pelo narrador Julio Oliveira (APÊNDICE I). Ele afirma que “o universo dos que acompanham ainda é infinitamente maior dos que interagem”.

A última pergunta feita aos telespectadores (ANEXO 2) pretendia saber se eles percebem diferenças de estilos entre os narradores de televisão. Dos treze entrevistados, oito acreditam que existem diferenças entre eles.

Giovane Rezende (APÊNDICE S), em sua resposta, explica quais as diferenças que vê e as exemplifica.

Em alguns casos sim. Apesar de fazer uma narração muito honesta e informativa, o Milton Leite tenta pegar o lado mais divertido do jogo, o lúdico da partida, de certa maneira, se aproximando do que faz o próprio Sílvio Luiz. Já o Galvão Bueno é muito mais emoção, com mudanças de tom de voz, evocação de dramaticidade. E por aí vai. São diferenças de estilo que, inclusive, colaboram para que cada um tenha um tipo específico de audiência. (GIOVANE REZENDE, APÊNDICE S)

Leandro Colares (APÊNDICE Q), também acredita que existam diferença. Porém, ele compara os estilos de narradores de acordo com suas emissoras.

Há diferenças consideráveis, de emissora para emissora, de profissional para profissional. Na TV aberta, por exemplo, muita gente seguiu o caminho de Galvão Bueno e Luciano do Valle, que sempre procuraram dar emoção e grandiosidade aos eventos. Tal característica pode ser percebida em diversos narradores que vieram depois deles. Emoção e grandiosidade também são características de narradores do Esporte Interativo, por exemplo. No entanto, a narração por lá costuma ser mais "gritada", com tom mais alto. Dá para perceber a predileção pela irreverência também nos narradores de lá. Enquanto isso, há também um padrão mais sóbrio, especialmente no SporTV e na ESPN Brasil, de narradores que buscam mais a informação e têm uma locução mais "conversada", talvez. Ainda que haja diferenças entre profissionais. No SporTV, por exemplo, Luiz Carlos Júnior é claramente mais emocional que Milton Leite, que é claramente mais irreverente que o colega. (LEANDRO COLARES, APÊNDICE Q)

Cristiano Barbosa (APÊNDICE X) acredita que todos têm um ponto em comum, porém se diferenciam em diversas situações: “São diversos estilos, mas TODOS utilizam de um recurso antigo: o bordão. Tirando isso, um pode querer se impor com a voz mais suave, outro com frases engraçadas, outro tentando expressar emoção (quando possível) até o final”

Os entrevistados que avaliam que não há diferenças significativas entre um narrador e outro, foram diretos e não apontaram justificativas.

6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste momento, vamos relembrar e analisar tudo o que estudamos durante o desenvolvimento deste trabalho, desde a essência do jornalismo até a opinião pública sobre os narradores, e chegar a algumas conclusões sobre a narração esportiva em televisão.

A primeira conclusão a que chegamos é de que é impossível agradar a gregos e troianos. O público tem uma maneira muito peculiar de acompanhar uma transmissão. Cada telespectador que assenta em frente à televisão para assistir um jogo possui uma maneira de interpretar o que está acontecendo e, a partir dela, uma forma de julgar o trabalho do narrador.

Essas características individuais de cada telespectador se baseiam em seu gosto pessoal, que é completamente subjetivo, e em suas influências culturais e regionais. Percebemos que cada telespectador tem uma diferente bagagem e que esta o faz ter diferentes maneiras de assistir um jogo de futebol.

Porém, percebemos que, apesar de ser impossível agradar a todos – por conta das peculiaridades individuais, pode-se pensar em uma maneira de estabelecer uma narração que seja o mais correta possível, abrangendo e correspondendo a cada um dos aspectos necessários para o desenvolvimento de um bom trabalho narrativo.

No início de nosso trabalho, estudamos o que é o jornalismo esportivo na televisão. Quais são as origens e principais características dele. Para saber isso, começamos o estudo entendendo o que é o jornalismo.

Neste primeiro ponto, observamos que o jornalismo não é simplesmente a produção e veiculação de uma notícia. Ele possui um papel democrático na sociedade. Entendemos que a informação, produto fundamental do jornalismo, é extremamente necessária para o desenvolvimento da sociedade, pois, através dela, conseguimos compreender o que está acontecendo no mundo e o porquê disso. Desta forma, desenvolvemos nosso intelecto cultural, que, como vimos ao longo do trabalho, é importante para a narração esportiva.

Também estudando o jornalismo, percebemos que ele, desde seu início, reflete o que está acontecendo de forma cada vez mais rápida e intensa: a necessidade por informações em tempo real. Entendemos que isso ocorre desde o Império Romano, quando tudo o que era discutido no senado, era publicado no fórum. Este é outro aspecto refletido pela narração esportiva: ela, nada mais é, basicamente, do que uma história sendo contada em tempo real.

Outra característica fundamental da narração é originada de uma característica jornalística: a contextualização. Um veículo de comunicação não pode apenas informar um

fato. Ele deve informar, explicar e fazer o receptor entender o porquê do fato estar acontecendo e ser relevante. Da mesma forma, o narrador deve sempre contextualizar os fatos que acontecem no jogo, através de informações, para que o telespectador compreenda o que está havendo.

Ao entender o jornalismo, procuramos estudar a vertente esportiva. Esta surgiu em meados do século XIX, com informações de aprimoramento físico, posteriormente com informações de turfe, regatas e ciclismo, esportes populares no início do século XX. À medida em que o futebol foi se propagando, o jornalismo esportivo também cresceu. Vimos que em 1902 foi publicada a primeira nota sobre um jogo de futebol. Isso mostra que os dois: jornalismo esportivo e futebol, andaram sempre juntos.

Isso se evidenciou ainda mais com a chegada do rádio e, posteriormente, da televisão. Nestes dois veículos, o brasileiro teve mais acesso ao futebol. Com maior acesso, mais pessoas procurando notícias e maior necessidades de programação específica para o tema.

Paralelamente ao aumento da programação esportiva, aumentava a quantidade de Rádios transmitindo futebol, o que deu popularizou de vez o esporte e, claro a narração esportiva. O casamento era perfeito: rádio e futebol.

Anos mais tarde, sem com que esse casamento acabasse, surgiram as transmissões esportivas na televisão, e vimos um novo estilo de acompanhar futebol nascer. A TV Globo, na década de 80, foi uma das responsáveis por essa explosão da transmissão esportiva televisiva, com o Mundial da Espanha, em 1982.

Desta forma, compreendemos como começou e como se desenvolveu a transmissão e, conseqüentemente, a narração esportiva no Brasil.

Porém, para entender de forma clara o que acontece hoje, procuramos estudar o que é narrar e descobrimos que, apesar dos diversos significados, narrar é se comunicar. Deste fruto, aproveita-se o narrador de futebol. Ele precisa apropriar-se de uma imagem e contar para o espectador o que ela significa, precisa narrar o que está acontecendo naquele local, naquele exato momento.

O narrador, além de contar a história, precisa saber de seu papel fundamental: fazer com o que o telespectador entenda a história e possa desfrutar ao máximo da transmissão do jogo de futebol, esporte esse que, como vimos, faz parte da cultura da sociedade brasileira.

Entramos, pois, num ponto fundamental de nosso trabalho. Além de saber o que é narrar, procuramos saber o que é a narração esportiva na televisão: quais são suas peculiaridades, suas características, seus métodos, suas necessidades.

Obviamente, a narração em televisão se baseia na narração do rádio, que chegou algumas décadas antes. Porém, ela exige alguns cuidados para que não seja uma imitação da narração radiofônica, visto que o veículo tem suas características específicas. A principal delas, como vimos, é a imagem.

O narrador esportivo em televisão não pode ser apenas um “transmissor de imagens” como o do Rádio. Aquele tem por objetivo fazer com que o ouvinte enxergue o que está acontecendo, mesmo de olho fechado. Enquanto o narrador da televisão precisa entender que o telespectador está vendo as mesmas imagens que ele. Portanto, precisa fugir do óbvio e não dizer apenas o que está acontecendo.

Surgiram, a partir deste estudo, algumas dúvidas. Para esclarecê-las, nada melhor do que ouvir quem trabalha no assunto. Entrevistamos 16 profissionais da narração, que emitiram suas opiniões, analisando e dissecando o que é a narração esportiva. Contamos também com a contribuição de telespectadores de diferentes regiões do país que nos ajudaram a entender o processo como um todo.

Percebemos, através do posicionamento dos narradores entrevistados, que não existe uma “receita de bolo” para se fazer uma narração perfeita. Porém, existem os ingredientes certos.

Analisando suas falas, entendemos que o narrador esportivo da televisão deve ser preciso: estar sempre ligado no que está acontecendo e acertando quem está com a bola, qual jogada está se desenvolvendo, para que a imagem não o desminta. Outro ingrediente fundamental na narração é a informação. O narrador, para trabalhar em um jogo, deve ter estudado tudo o que o envolve, para entender e informar ao telespectador tudo o que está acontecendo durante o espetáculo, sem que nada importante fique de fora. Também percebemos que o narrador deve ter um enorme equilíbrio emocional, para se adequar ao tom do jogo, e, desta forma, transmitir uma verdade ao telespectador. Ele deve ter um tom mais alto quando o jogo é mais agitado e um tom mais baixo, quando o contrário.

Entendendo a opinião pública, percebemos que, da mesma forma, não há uma receita para agradar o telespectador. Porém, caso o narrador siga e utilize os ingredientes que citamos, é bastante provável que ele agrade o público que está o assistindo em casa.

Este estudo teve por objetivo entender o que seria um modelo ideal de narração esportiva. Ao final, percebemos, portanto, que esta concepção de narração ideal é inviável, visto que o narrador não narra, não transmite o jogo, para apenas uma pessoa ou para apenas um grupo de pessoas. Portanto, o dever do narrador não é seguir a perfeição. O papel do narrador é contar a história que está acontecendo, se baseando nos preceitos básicos dos quais

falamos, e inserindo tudo isso dentro de seu estilo, que deve ser encontrado de forma natural, sem forçar situações. Para que, desta forma, as expectativas do público sejam correspondidas e até surpreendidas com inovações de um narrador.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Alda. *Rádio e futebol: gritos de norte a sul*. Florianópolis: Anais... 2004.
- BENEDETI, Carina. *A Qualidade da Informação Jornalística; uma análise da cobertura da grande imprensa sobre os transgênicos em 2004*. Brasília: Universidade de Brasília, 2006.
- BOCHEMBUZO, Daniela; SOFFNER JUNIOR, José Augusto. *Histórias dos craques da bola: o resgate da memória esportiva no rádio*. São Paulo, 2013.
- BRINATI, Francisco. *Pelas barbas do Profeta; Silvio Luiz e a busca da identidade da narração futebolística para a TV. título principal; subtítulo*. Juiz de Fora: UFJF, 2005.
- CHAUI, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 1995.
- FERREIRA, Elisa. *Na emoção do futebol: uma análise das transmissões no rádio e na TV*. Rio de Janeiro: Monografia Pontifícia Universidade Católica, 2013.
- GASTALDO, Édinson. *A pátria na “imprensa de chuteiras”; futebol, mídia e identidades brasileiras*. Caxambú: ANPOCS, 2003.
- GONTIJO, Silvana. *Livro de Ouro da Comunicação*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- GUERRA, Márcio. *Rádio x TV: o jogo da narração; A imaginação entra em campo e seduz o imaginário do torcedor*. Juiz de Fora: Juizforana Gráfica e Editora, 2012.
- _____. *Rádio x TV: o jogo da narração; A imaginação entra em campo e seduz o imaginário do torcedor*. Rio de Janeiro, 2006.
- _____. *Você, ouvinte, é a nossa meta; A importância do rádio no imaginário do torcedor de futebol*. Juiz de Fora: Etc Editora, 2002.
- LAGE, Nilson. *Estrutura da Notícia*. São Paulo: Ática, 2006
- MONTEIRO, Bruno. *A emoção do futebol; uma análise das transmissões esportivas no rádio e na televisão*. Rio de Janeiro: Monografia Pontifícia Universidade Católica, 2014.

MOTTA, Agda. *O futebol como reflexo da sociedade brasileira*. Juiz de Fora: Monografia da Universidade Federal de Juiz de Fora, 1990.

NOGUEIRA, Cláudio. *Dez toques sobre jornalismo*. Rio de Janeiro: Senac Rio de Janeiro, 2015.

RIBEIRO, André. *Os donos do espetáculo; histórias da imprensa esportiva no Brasil*. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

RINALDI, Wilson. *Futebol: manifestação cultural e ideologização*. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2000.

SILVEIRA, Paulo Fernando. *Devido processo legal*. Belo Horizonte: Del Rey, 2001.

GENTILI, Victor. *Democracia de Massas: Jornalismo e Cidadania*. Porto Alegre: Edipucrs, 2005.

ANEXOS

ANEXO 1 – PERGUNTAS PARA NARRADORES

1- Como foi o início de seu interesse pela narração?

2- Em quem se inspirou? Quem foram suas referências?

3- Acredita que existam escolas diferentes de narração? Se sim, quais as diferenças que percebe?

4- Em que deve se pautar a atuação do narrador?

5- Como surgem os bordões? Quais as principais características da narração em TV?

6- Como se dá a interação com os telespectadores?

ANEXO 2 – PERGUNTAS PARA TELESPECTADORES

1- Qual seu narrador preferido em TV?

2- O que ele tem de diferente em relação aos outros?

3- Acha que o narrador de TV tem muita semelhança com o narrador de rádio? Se sim, o que?

4- O que te desagrada num narrador?

5- Costuma mandar alguma mensagem ou conversa pelas redes sociais para algum? Faz alguma sugestão?

6- Vê diferenças de estilos entre os narradores de TV?

APÊNDICE A – BRUNO SOUZA, NARRADOR SPORTV (em 28/05/2015)

1- Na adolescência, narrando os jogos no video game e assistindo aos eventos na Globo e Bandeirantes. Por ter sido atleta de vôlei, acho que isso influenciou também. Sempre gostei de falar muito, isso deve ter contribuído.

2 - Galvão Bueno e Luiz Carlos Jr. Depois de começar a trabalhar no SporTV, minhas referências foram João Guilherme, Eusebio Resende e Daniel Pereira, além do Sérgio Maurício, que, inclusive, ajudaram no início da minha carreira.

3 - Sim, uma mais técnica e descritiva e outra mais espetacularizada. Comparar Luiz Carlos Jr. e Milton Leite é um exemplo prático.

4 - O narrador, antes de mais nada, é um jornalista. Deve estudar, apurar as informações e contrapor dados. É um "vendedor de emoções", mas deve ter em mente que as verdadeiras estrelas do espetáculo são os atletas e não deve querer aparecer mais do que a notícia.

5 - Surgem da criatividade e no improviso. Acredito que não são premeditados. As principais características da narração em TV são ser menos descritiva, pois o telespectador também está vendo a ação, mais pausada e respeitando sempre a coordenação. É também uma narração mais linear, que "sobe" apenas nos momentos de maior emoção; isso dependendo também da modalidade em questão.

6 - Depende do veículo. É uma questão mais empresarial. Eu particularmente gosto de abrir espaço para essa interação, respondendo perguntas e colocando o comentarista no papo também. A participação que contribui, enriquece a transmissão, deve ser sempre valorizada. Lidar com as críticas e pessoas que passam do ponto nas redes sociais também faz parte do trabalho. Creio que é mais fácil a interação nos programas do que nas transmissões.

APÊNDICE B – JOTA JR, NARRADOR SPORTV (em 28/05/2015)

1 - Sempre me interessei por narrações esportivas desde 9, 10 anos de idade, ouvindo rádio. Nessa época a televisão não fazia transmissões ao vivo e por isso o rádio imperava nas coberturas esportivas. Meus pais contavam que desde pequeno eu parava para acompanhar as transmissões de futebol pelo rádio. Começou bem cedo, mas não sei dizer o "porque" disso.

2 - Vários profissionais me impressionaram desde quando comecei a ouvir o rádio esportivo: Darcy Reis, Pedro Luís, Edson Leite, Fiori Gigliotte, Haroldo Fernandes, Flávio Araújo, José Paulo de Andrade, Joseval Peixoto, Geraldo José de Almeida. Ouvi todos eles com muita atenção e admiração pela rapidez de raciocínio e a facilidade com que descreviam as jogadas.

3 - Falo do rádio de quando comecei a ouvir. Houve, sim, vertentes nos estilos de narração. Os que narravam com rapidez, os que cadenciavam a narrativa, os mais detalhistas em descrever as jogadas, aqueles que utilizavam o alto poderio de voz para realçar o trabalho, Por aí. Depois o rádio foi se modificando e foi liberando os locutores da fidelidade total ao que estava acontecendo em campo, dando margem à brincadeiras e descontração. Falo do rádio paulista, que era o que eu mais ouvia na infância e juventude No rádio carioca, por exemplo, sempre houve liberdade para descontração, bem ao estilo cultural do Rio de Janeiro. Perfeitamente natural e normal que assim fosse.

4 - O narrador de rádio deve se preocupar exclusivamente com a "imagem" que está passando ao ouvinte. Deve ser o mais perfeito possível na ilustração das jogadas, dando ao ouvinte a imagem perfeita do que está acontecendo na partida. Sempre privilegiar a "localização da bola" e onde está se desenvolvendo geograficamente a jogada. Além, é claro, da perfeita identificação do jogador que está de posse da bola. Já o narrador de televisão precisa dar total prioridade às imagens. Elas é que são importantes numa transmissão. E depois pontuar as jogadas, ilustrar o evento com dados interessantes e sempre oferecer ao telespectador a identificação de quem detém a bola nos pés. À par disso tudo, trabalhar em sincronia com o diretor de imagens, legendando as imagens com fidelidade.

5 - Há comunicadores que não trabalham com bordões. Sou um deles. Prefiro me ater tecnicamente à transmissão de maneira a não deixar escapar nenhum detalhe do que está sendo exibido nas imagens. Os bordões identificam os locutores, sabemos disso, e sempre têm

receptividade junto ao público. São importantes, sem dúvida, mas priorizo o trabalho técnico do audiovisual.

6 - A interação com o telespectador nos dias de hoje é total, desde que você se utilize das redes sociais. E é importante o retorno que o telespectador dá. Muitas coisas são descartáveis, mas outras podem ser proveitosas, desde que as críticas sejam justas, honestas e sem maldade.

APÊNDICE C – ODINEI RIBEIRO, NARRADOR SPORTV (em 28/05/2015)

1 - Desde criança ouvi rádio AM, e narrava futebol de botão no chão frio do meu quarto imitando os meus ídolos. Meu pai me deu um estrelão, campo de botão empenado. Eu o desempenei, e ali minha imaginação me levou para todos os estádios do Brasil. Depois narrava jogos do futebol amador de Itanhaém em um gravador, até chegar a primeira oportunidade na rádio Anchieta de Itanhaém. Dali por diante não parei mais. Trabalhei em todas as rádios de Santos, até chegar na Record em Sp. Em tv, eu comecei narrando na tv da universidade, troquei as narrações por uma bolsa de estudos, ali narrei dezenas de esportes, depois fui para a afiliada da Globo na baixada santista. Sou o narrador que narrou pela primeira vez gols do Neymar ainda menino. Tem no youtube. Em 2008 cheguei no Sportv.

2 - Ídolos de infância: Fiori Gigliotti, Osmar Santos, José Silvério (Rádio) na tv, Galvão Bueno, Luciano do Vale dentre outros. Tive a felicidade de trabalhar com o mestre Fiori, que virou um pai pra mim. Detalhe interessante, jamais imaginei narrar em tv.

3 - quanto as diferentes escolas acredito que depende muito da região do aprendiz. Por exemplo, na minha época de infância, eu só ouvia rádio AM e os seus tradicionais narradores de SP. Então minha formação tem um pouco de cada um deles. No rádio eu procurava ser preciso, como se eu narrasse para um deficiente visual, aprendi isso ouvindo o Silvério, tinha meus bordões como Osmar e Fiori.

4 - essa resposta agora falarei como narrador de tv, aliás uma transição muito complicada do rádio para tv. Como: diminuir a velocidade, narrar apenas o que está no vídeo, procurar não ser redundante como chutar com o pé direito/esquerdo, pois a pessoa que está em casa, está vendo, mas, é muito difícil assimilar tudo isso. Quanto a preparação, estudo o evento por muitas horas. Narro Asa x CRB, como se fosse um jogo de Copa do Mundo, procuro saber quem é cada jogador, suas características, onde jogou. E muitas vezes isso é muito trabalhoso pois poucos clubes têm sites decentes. Faço fono e procuro sempre aprender os esportes que narro.

5 - Dos meus bordões, nenhum foi ensaiado em casa, surgiu na hora, como: Por todos os ângulossss pra você curtir(surgiu em um jogo que eu dei todos os detalhes do gol, e

valorizando as câmeras, então, o meu coordenador me disse que gostava do meu gol porque eu o pegava "por todos os ângulos"...o monstrooooo na enterrada do basquete, da mesma forma, eu vibrei com uma cravada e coordenador gritou no caminhão, você está monstro hoje, e na outra enterrada usei o monstroooo e pegou!

6 - quanto a interação, eu uso o twitter para falar com o telespectador, acho muito legal esse contato. Alguns dão dicas, reclamam de uma narração e eu de boa, avalio todas. Agora se vier com agressão, eu bloqueio sem dó. As críticas do bem, assimilo!!!

APÊNDICE D – CLAUDIO UCHÔA, NARRADOR SPORTV (em 28/05/2015)

1 - Um interesse mais ingênuo, despretensioso mesmo, começou na infância, vendo futebol pela TV e jogando botão. Na faculdade, fui estimulado a usar a voz profissionalmente. E já no SporTV, a função foi ganhando corpo com o meu desenvolvimento no canal.

2 - Luiz Carlos Jr, com certeza, é uma grande referência. Técnico, preciso e leve nas transmissões. Além do mais, convivemos no meu tempo de estágio, enquanto ele apresentava o News. Luiz Roberto, por considerá-lo muito versátil, e Galvão Bueno, um vendedor nato de emoções, também são fortes influências.

3 - Sim. Uma mais intuitiva e emotiva; outra mais técnica, centrada na ação, com poucos desvios.

4 - Na identificação de quem está desenvolvendo a ação. Função básica. No domínio das regras também. E em como prender a atenção do telespectador. Somos vendedores, de certa forma.

5 - Os grandes nomes que têm marca registrada costumam dizer que vêm com naturalidade. E acho que é o melhor caminho mesmo. Se for espontâneo, certamente vai encontrar eco no público. Mas só nesses casos. Ainda considero que deveriam ser usados com cautela para evitar a banalização. É um belo acessório, mas não é tudo em um evento.

6 - Se for a interação nos dias de hoje, de mandar e-mail etc, o SporTV privilegia o contato com o público nos programas jornalísticos, bem menos nas transmissões. Se você for o contato de modo geral, fora do ar, as redes sociais trouxeram uma proximidade grande. Como mexemos com a emoção, normalmente o retorno vem no mesmo tom, bem parcial. Às vezes, positivo, com boas críticas. Em outros casos, sai de baixo! Tem que saber discernir, não levar para o pessoal e filtrar.

APÊNDICE E – MILTON LEITE, NARRADOR SPORTV (em 31/05/2015)

1 - O único momento em que me lembro de ter interesse em narração esportiva foi como ouvinte de rádio e tv e como narrador dos meus jogos de botão. Profissionalmente nunca pensei nesta possibilidade, as circunstâncias e oportunidades da carreira me colocaram na função.

2 - Não acredito que tenha me "inspirado" em um narrador específico. Devo ter sido influenciado no começo da atividade pelos narradores que eu acompanhava. E como sou de uma geração para a qual o rádio era mais importante que a TV. Joseval Peixoto, Osmar Santos, José Silvério, Galvão Bueno, Luciano do Valle...

3 - Não acredito. Acredito em estilos individuais, cada um põe suas vivências, seu jeito de ser. No máximo existem diferenças regionais, com ritmos mais lentos ou mais rápidos, sotaques locais.

4 - Informação, precisão, ter estilo próprio e entender que aquilo também é entretenimento, é necessário contar bem a história para atrair e entreter as pessoas.

5 - No meu caso, não houve planejamento, nem intenção. Eram frases, expressões que eu usava com meus amigos, amigos usavam comigo, um dia entraram em transmissões, agradaram e forma ficando. Não acho que eles sejam a parte principal, muito menos que sejam fundamentais no meu trabalho.

6 - Durante as transmissões não existe, apenas tento fazer o meu para entreter quem está na frente da TV. Fora do trabalho, quando encontro as pessoas na rua, nos aeroportos, em estádios... E na internet, numa fanpage que tenho no Facebook em que consigo sentir um pouco a repercussão ao meu trabalho e em alguns casos responder perguntas.

APÊNDICE F – DANIEL PEREIRA, NARRADOR SPORTV (em 31/05/2015)

1 - Meu pai sempre foi ouvinte de rádio, então, desde cedo (2,3,4,5 anos de idade) ouvia rádio esportivo - foi desse tempo que surgiu o interesse pela profissão. Com 6 anos , queria ser o Garotinho da Rádio Globo.

2 - a primeira resposta já diz .José Carlos Araujo o "garotinho" foi minha grande inspiração .Mais velho , alem do garotinho , Galvão bueno , que ,pra mim ,é o melhor da tv Brasileira de todos os tempos.

3 - Claro que existe Tem narrador mais tecnico , que erra pouco , arrisca pouco tbm .Tem os que se baseiam mais na emoção ... quem consegue aliar as duas formas ,é gênio ...mas eh bem dificil .

4 - Depende muito - mas vou me basear no futebol - uma das coisas mais legais é que trabalhamos com evento ao vivo - a pauta é o jogo , e nele , tudo pode acontecer - toda atenção é pouca - muito foco e concentração.

5 - a pergunta já responde- bordão não se cria ,bordão simplesmente surge - e forçado fica feio . A característica principal é a sensibilidade - diferentemente do rádio , a imagem é mais importante que o narrador.

6- isso varia de emissora pra emissora - ainda estamos num processo de estudo pra utilizar da melhor forma .

APÊNDICE G – PAULO STEIN, NARRADOR SPORTV (em 01/06/2015)

1 - Ainda criança, jogava botão e brincava de narrador dos jogos. Imitava também alguns narradores e locutores do rádio e da TV da época.

2 –

3 - Não creio em escola. Por mais que você goste de algum narrador, quando você se torna profissional a sua personalidade se sobrepõe. E cada um acaba criando um estilo próprio.

4 - Estar sempre preparado, informado, inteirado sobre o que vai narrar. Conhecimento e cultura são fundamentais. Além disso, a precisão na hora de transformar o que se vê em palavras é obrigatório.

5 - Os bordões às vezes surgem naturalmente. Alguma vez você fala algo que chamou a atenção e aí vem a ideia de se repetir. Eu, particularmente, não gosto. Tem alguns narradores que ficam pensando para criar. Com o tempo o que pode ser engraçado, agradável, se torna chato e enjoado. A narração de TV deve ser informativa, ajudando a quem está assistindo a identificar as pessoas ou situações confusas. No futebol, por exemplo, fica ridículo você situar onde a bola está, tipo ultrapassou a linha do meio de campo, pois são coisas que o telespectador está vendo e não tem dúvida. Mas é importante opinar se foi ou não falta, pênalti, por exemplo. No rádio é diferente: você tem que localizar a bola, descrever o que está acontecendo nos mínimos detalhes para que quem está só ouvindo possa entender e se localizar como se estivesse vendo.

6 - Na linguagem da comunicação se diz que fulano tem carisma. Segundo o Aurélio carisma é o conjunto de qualidades especiais de liderança e individualidade. Eu acrescento a simpatia a educação e o respeito. Essa fórmula é imbatível para o sucesso junto ao público.

APÊNDICE H – EDUARDO MORENO, NARRADOR SPORTV (em 01/06/2015)

1 - Desde criança gostava de narrações, costumava imitar as narrações de futebol e até locuções de anúncios publicitários. O interesse pelo jornalismo veio em seguida e juntou-se a paixão pelo esporte que eu tinha desde que me conheço por gente. Virar narrador acho que foi absolutamente natural.

2 - Os grandes narradores. Sempre fui apaixonado por rádio e as primeiras inspirações passaram por narradores do rádio do Rio Grande do Sul como Armindo Antonio Ranzolin, Pedro Ernesto, Haroldo de Souza e, claro, na televisão Galvão Bueno, Luciano do Valle, Silvio Luiz, Luiz Alfredo, Marco Antonio, Jota Jr, Cleber Machado, Luis Roberto. Todos foram importantes para minha observação e formação do meu estilo de narrar.

3 - Acredito que sim. As particularidades da cultura de cada região exercem influencia no estilo de narração, principalmente no rádio que, especialmente pré-internet, sempre teve um caráter mais regional (a TV geralmente expressa um estilo mais "pasteurizado" por ter um alcance nacional, acho que a escola não se destaca tanto no estilo de transmissão). Nas rádios do RJ, por exemplo, o estilo é mais informal, mais descontraído do que em SP, MG ou no RS, refletindo um pouco o comportamento e o estilo de vida da região.

4 - O narrador nunca deve esquecer que ele é um jornalista e, por isso, deve se preocupar em transmitir a verdade dos fatos que acontecem naquele momento. E paralelamente a isso, o narrador deve contar bem essa história e contar bem a história de um jogo, de uma luta, de uma corrida, etc, é levar emoção, contar o que está em jogo, o que vale, o que pode acontecer, o que o telespectador deve estar atento, enfim, "vender" bem aquela história.

5 - Os bons bordões surgem preferencialmente de forma espontânea, por acaso. Entendo que buscar bordões farão com que não soem naturais. E os bordões são mais comuns e funcionam melhor na narração de rádio. Existem também na TV, mas não acho tão importantes. Com exageros, até podem ser negativos, pedantes.

A principal característica da narração na TV é contar a história, trazendo informações que complementem a imagem. O telespectador está vendo, o narrador deve guiá-lo para a informação que está ali inserida. A redundância por vezes é inevitável na narração de TV, mas idealmente deve ser evitada.

6 - Nós narradores já fomos telespectadores e continuamos sendo. Temos real noção dos principais anseios que o telespectadores têm. De modo geral, mesmo com a internet e as redes sociais, ainda não costumamos ter a interação direta com o público durante as narrações, exceto as perguntas que, em algumas transmissões, são colocadas no ar pela equipe de produção e podemos lê-las ou repassá-las aos comentaristas.

Fora das transmissões aí é diferente e hoje há mais facilidade para conversar com espectadores, torcedores, através das redes sociais. O que é ótimo porque conseguimos trocar ideias sobre o esporte e entender um pouco mais como está sendo a experiência e a receptividade do nosso trabalho pelo telespectador.

APÊNDICE I – JULIO OLIVEIRA, NARRADOR SPORTV (em 03/06/2015)

1 - Sempre gostei muito de futebol e pratiquei vários esportes. Por isso, quando trabalhava em rádio e depois tv, comecei a praticar a narração até porque percebi que havia um grande espaço e carência de profissionais.

2 - Nunca me inspirei em ninguém. Sempre achei que você tem que ter o próprio estilo e visualizar os melhores exemplos para compor sua formação. Como sempre busquei tv, sempre acompanhei Luciano do Vale e Galvão Bueno. Para mim, os principais e que formataram o estilo de locução esportiva em televisão.

3 - Aí é preciso separar rádio e tv. Em rádio, você vai encontrar diferenças de uma região para outra. Mas não acredito que sejam estilos. As diferenças estão ligadas à cultura de cada estado, pois somos um país continental. O básico está em todos os estilos: vender emoção ao descrever um evento.

4 - Deve pautar na sinceridade. Você não pode contar ao telespectador o que não está acontecendo. Impulsionar para que ele permaneça assistindo, sim. Mas, forçar, não. Nunca tentar enganar para não perder audiência. A sinceridade é o caminho mais curto para fidelidade. Por outro lado, deve se pautar também pela informação. Hoje a locução esportiva também agrega muita informação e não só simplesmente narrar o evento. Equilibrar estes dois pontos gera uma transmissão interessante.

5 - Não tenho bordão. Então não me considero com conhecimento para esta pergunta, mas imagino que eles são espontâneos. Alguns, pensados, talvez. Mas acabam ficando muito mais pela repetição do que pela finalidade, aplicabilidade ou eficácia. O bordão vira um "amuleto" para o narrador. Sim, gera uma identidade rápida, uma identificação única, mas considero perigoso. Não creio que um ouvinte ou telespectador sintonize um veículo para ouvir o bordão daquele narrador. Primeiro, ele sintoniza para acompanhar o seu time ou evento.

Quanto às características, acredito que a principal e mais difícil é aliar a informação e imagem transformando em narração. Um narrador não pode ir além e nem ficar aquém da imagem. Essa sincronia faz um bom profissional. Saber elevar e subtrair a cada instante para que possa transformar isso numa mensagem clara e eficiente. O tom, o ritmo e a entonação. Mexer com a transmissão e sendo coerente com o que está acontecendo e ao mesmo tempo tentando

perceber o que pode ser mais eficiente naquele momento para seu telespectador. A tv por si só já tem uma característica de transmissão; é preciso o narrador se incorporar a ela e não tentar sobrepor.

6 - As emissoras tem buscado caminhos diferentes. Algumas mais intensas nessa troca simultânea, outras não. A interatividade veio para ficar, mas é preciso cuidado. O universo dos que acompanham ainda é infinitamente maior dos que interagem. Por isso, é preciso cautela. Tem que se falar para os dois. O equilíbrio é o melhor caminho. Ainda penso que quem liga um aparelho de tv quer assistir algo. Quem troca mensagens, quer "trocar" opinião. Então é preciso entender onde se cabe e não se cabe a interação.

APÊNDICE J – ANDRE LAURENT, NARRADOR TV LIBERAL (em 03/06/2015)

1 - Meu interesse pela narração é recente. No início deste ano, percebi que precisava de um novo projeto, sair da zona de conforto e me reinventar. Compartilho um pouco da minha trajetória profissional para que você possa entender melhor.

Trabalho na TV Liberal, afiliada a rede Globo no Pará, desde abril de 2007. Fui produtor de pauta por quatro meses. Depois disso, fui promovido a repórter do Globo Esporte. Só no final do ano fui escalado para uma transmissão ao vivo de futebol: Remo x Vitória (BA) pelo Premiere FC. Restavam apenas cinco rodadas para o fim da competição. Neste mesmo ano, conclui minha graduação em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo.

Mas, como o Remo foi rebaixado e o Paysandu levou seis anos para deixar a Série C, só voltei a trabalhar em transmissões do Premiere/SporTV regularmente em 2013.

Nesse período de “estiagem”, participei de várias transmissões do Sportv e da TV Globo. Destaco, então, três ocasiões com Milton Leite em partidas da Copa do Brasil (Paysandu x Palmeiras; Remo x Santos; Paysandu x Bahia); duas com Luis Roberto (Remo x Flamengo; Flamengo x Remo), também pela Copa do Brasil, e uma vez com Cleber Machado (Corinthians x Atlético/MG, quando fui deslocado para a Globo São Paulo para trabalhar na cobertura da Copa de 2010).

Paralelamente a isso, assumi o cargo de repórter de rede de esportes da emissora. Desde 2008, envio as reportagens de o Globo Esporte Rede, Esporte Espetacular e Bom Dia Brasil. Em 2012, fui promovido mais uma vez: oficialmente, apresentador do Globo Esporte local. De lá pra cá, minha rotina se limitou a apresentar o programa, atender aos pedidos da rede e produzir reportagens especiais eventualmente.

Por isso, a necessidade de assumir um novo projeto. Vi na narração uma oportunidade de me tornar um profissional mais versátil, completo. Minha estreia, em partida de futebol ao vivo, foi em Paysandu e Ceará, no dia 23 de maio, no Premiere FC. A segunda partida que narrei pelo Premiere FC foi ontem, 2 de junho, quando o Paysandu enfrentou o Santa Cruz/PE

2 - Para narrar futebol, especificamente, tenho algumas referências: Luis Roberto, pela elegância e, Cleber Machado, pelo dinamismo na hora de narrar e interagir com os comentaristas. Milton Leite e Silvio Luis são irreverentes sem esforço, mas sabem dá o tom da emoção quando necessário. Galvão Bueno, principalmente, pela história de Copas e grito inigualável na hora do gol. Todos eles conseguiram se adaptar às transformações da TV foi nas últimas décadas. Busco neles os elementos os elementos que destaquei para me inspirar.

Nunca imitar. Aqui no Pará, tenho duas referências: Guilherme Guerreiro e Walmir Rodrigues, ambos da Radio Clube AM.

3 - Acho que existe uma grande universidade chamada TV Globo. Poucas emissoras conseguem realizar parecido no mundo. Por mais que os narradores dela tenham estilos diferentes, todos tem compromissos com a qualidade de informação e entretenimento. Além, claro, de utilizarem da forma mais eficaz os recursos tecnológicos oferecidos pela emissora e interagirem sempre que possível com os telespectadores.

4 - Informação de qualidade, interatividade e responsabilidade. Explico: uma partida de futebol é uma forma de entretenimento. Mas, sem informação, não está completa. Quem assiste ao jogo, quer saber quem joga, quem está vencendo a outra partida ou porque o time dele não está chegando ao ataque. A interatividade, na minha avaliação, é o canal para que essa informação circule. O repórter traz as informações que podem acrescentar, e muito, ao que foge do olhar do narrador. As mensagens instantâneas do telespectador podem exigir uma nova análise do comentarista. A responsabilidade está em saber respeitar a paixão do torcedor e o trabalho árduo dos profissionais do futebol.

5 - Penso que o bordão tem que surgir naturalmente. Qualquer coisa diferente me parece *fake* ou plágio.

6 - Na vida real ou virtual, sempre imprevisível. Como vivo em uma cidade em que está dividida em duas paixões – Remo e Paysandu –, é comum ouvir nos estádios ou ler nas redes sociais ofensas ou críticas superficiais por conta de torcedor do Remo achar que torço pelo Paysandu e vice-versa. São duas torcidas apaixonadas e dificilmente vão entender que você está apenas trabalhando, não torcendo. Não reajo, não respondo. Por outro lado, numa ocorrência até maior, recebo elogios, críticas fundamentadas em argumentos coerentes e, até, mensagens de estudantes de jornalismo dizendo que buscam inspiração no trabalho. Nesse caso, faço questão de responder ou interagir com todos, sem exceção.

APÊNDICE K – ANTERO NETO, NARRADOR SPORTV (em 04/06/2015)

1 - Eu tenho uma relação familiar com o jornalismo. Minhas grandes lembranças da infância são do meu pai comentando/apresentando e narrando jogos de futebol no rádio. Não lembro bem quando decidi: "vou ser narrador"; era uma coisa, acredito eu agora, que foi natural, aconteceu.

2 - Eu me inspirei inicialmente no meu pai. Aliás, me inspiro ainda hoje. Não porque seja meu pai, mas ele é um baita narrador! Reúne voz bonita, boa dicção, precisão nos lances e emoção. Mas, claro, que no início buscamos catar um pouco de algumas características de outros narradores até que cheguemos ao nosso estilo. Não é rápido, é um processo lento.

3 - Sim, muitas! As escolas de TV e Rádio se diferenciam pelas próprias características dos meios. Mas a narração se modificou ao longo do tempo criando assim as escolas. Acho que o mundo influencia na narração. Hoje temos um mundo mais agitado, ágil! E hoje a narração é mais rápida também. Contudo, ainda temos a escola de uma narração mais cadenciada. Eu me encaixo na narração mais rápida. Vai de como cada um se sente melhor.

4 - Contar história! Acho que o narrador vai, ou deve, ir para uma transmissão para contar uma história. É como uma folha em branco que você vai preencher, no imaginário, claro, com suas palavras.

5 - Acho que naturalmente. Eu não tenho bordões... Mas gosto de alguns.

A narração na TV é uma linha tênue entre falar demais, afinal a imagem já mostra. Ou falar de menos... É você ter a sensibilidade o tempo inteiro entre fala/imagem.

6 - Hoje é fácil com as redes sociais. As emissoras tem os canais de interação e ainda existem as redes sociais. Eu interajo por elas, mas não fico muito ligado nisso não. Os fakes, os "escondidos" fazem com que as redes sociais percam a credibilidade. Gosto mesmo de ouvir o cara na rua. Curto quando alguém me para e questiona. Ali eu troco uma ideia bacana e aprendo bastante.

APÊNDICE L – LUÍS ROBERTO, NARRADOR TV GLOBO (em 04/06/2015)

1- Foi por causa da paixão de meu pai pelo futebol. Quando criança não havia futebol na TV com frequência, então ficávamos colados no radinho de pilha lá em São João da Boa Vista, interior de São Paulo.

2- Eu e meu Pai éramos fãs do Pedro Luiz, que foi um dos maiores de todos os tempos do rádio paulista. Narrador preciso, vocabulário rico, sem bordões. E muito conhecedor do futebol e de outros esportes. Já adolescente e trabalhando no rádio lá do interior, tive a influência de outros nomes que surgiram no início dos anos 70 como Osmar Santos.

3- Penso que existe uma convergência dos estilos de narração da atualidade. Cada um tem seu talento, seu jeito, suas soluções. No fundo o que faz a diferença é o preparo de cada um. Temos bons narradores na nova geração.

4- O narrador é o mestre de cerimônia. Ele apresenta o evento. É preciso ter domínio da situação. Conhecimento de regras, regulamento, dos personagens. E fundamental conhecer do esporte, afinal a estratégia, que chamamos de tática, é decisiva no andamento da competição. Conhecimento técnico pra dimensionar os movimentos dos atletas. E adequação para o veículo, TV aberta, TV fechada, rádio e por aí vai.

5- Os bordões surgem com naturalidade. Quando são bons você agrega a sua narração. É preciso ter muito cuidado pra não ficar refém dos bordões. Não exagerar, principalmente na TV, pois a chance de ficar chato e repetitivo é grande.

As características de narração na TV esta ligada diretamente as imagens. O narrador tem que dar vida aquilo que as pessoas estão vendo. Se sair da imagem, ninguém presta atenção no que se esta falando. Informação na medida e na hora certas. E os ingredientes que citei acima sobre a atuação do narrador.

6- De algumas maneiras. Alguns usam redes sociais, outros se valem de correspondência tradicional. Mas no nosso caso temos uma possibilidade que é uma jóia. Viajamos o tempo todo, e o contato direto com as pessoas é a melhor maneira de fazer essa interação. Quem se isola, se perde pelo caminho.

APÊNDICE M – CLÉBER MACHADO, NARRADOR TV GLOBO

(em 06/06/2015)

1- Desde moleque achava legal. Jogava botão com meu irmão e narrava, cada jogo com um locutor diferente. Sempre achei muito bacana.

2- Não diria uma inspiração. Os narradores, de um modo geral, sempre me interessaram. Estilo, frases... Quando trabalhava na Rádio Globo, não era no Esporte, ia ver um jogo de vez em quando. Ficava na cabine e muitas vezes olhava mais para o narrador do que para o campo. Ficava observando o jeito de cada um, como eles faziam, o que eles faziam. Osmar Santos, na época arrebatando, era um que gostava muito.

3- Não sei se escolhas. Há estilos. Aquele mais preciso. Aquele mais de bordões. Os que narram mais rápido. Isso, principalmente, no Rádio. Pode se perceber, também, um modo diferente por região do país.

Na TV, penso ser a mesma coisa. Os de bordões, os de conversa, os mais em cima do lance.

Na essência, acredito haver um padrão, nada muito diferente de sempre.

4- Basicamente, no jogo. Descrever mesmo o que está sendo mostrado. Vai de cada um a qualidade de não ser óbvio nem se distanciar do que está acontecendo. Isso, tecnicamente. Deve se pautar, claro, nas informações sobre o evento, nos personagens, no caso da TV não brigar com a imagem, ser imparcial, valorizar lances, valorizar todos os lados do evento. E se envolver. Um diretor me disse uma vez que não gostava quando o locutor usava a palavra emoção. Não queria dizer nada, pra ele. O argumento me convenceu. Emoção se passa com o envolvimento do narrador e do evento. Se o locutor se emocionar com o que está transmitindo e tiver capacidade, vai passar a emoção a quem ouve ou vê.

5- Cada um deve ter seu jeito de criar bordões. Certamente há os que ficam pensando em um, criando mesmo. Imaginando uma situação e uma frase que pode ser usada. Outros saem naturalmente. Quando saem, soam bem e passam a ser ditos.

E característica seria mais ou menos o que escrevi na resposta anterior. Saber informar sem esquecer o jogo. Usar comentaristas sem atrapalhar os lances. Valorizar imagens. Perceber algo no evento que pode ser destacado, pode agir com um fio condutor da transmissão. Tentar sempre contar a história daquele jogo, dos personagens e perceber como está se

desenvolvendo o enredo da trama. E se envolver, sentir mesmo o que está acontecendo, imaginar com o telespectador está, despertar nele o interesse, destacar um detalhe.

6- Trazendo o telespectador para aquele cenário. Mostrando a ele a importância do jogo, de um lance, o clima, o ambiente, tentar ter a sensibilidade para notar algo nos personagens que possam interessar a quem assiste.

E, atualmente, há a interação por meio de internet, com mensagens, aplicativos, perguntas. Outra coisa é a interpretação dos dados da partida, dos números do jogo, para que sejam relevantes e façam o telespectador atentar para eles, notar como eles podem conduzir o confronto.

Entre outras coisa, claro. Penso que essa questão de interação, com as ferramentas de hoje, ainda estão a se desenvolver.

APÊNDICE N – JADER ROCHA, NARRADOR SPORTV (em 08/06/2015)

1- Surgiu na infância, quando eu narrava todos os meus campeonatos de futebol de mesa, o popular jogo de botão. Gravava minhas narrações e pedia para meus pais ouvirem.

2- Quando criança, sempre gostei muito de rádio. Sou nascido em Porto Alegre e na infância, ouvia muito Armindo Antônio Ranzolin, um dos maiores narradores do rádio do RS em todos os tempos e que, anos mais tarde, viria a ser meu chefe na Rádio Gaúcha.

3- Rádio e TV são completamente diferentes. No rádio, se lida com a criatividade e o improviso o tempo todo. É fundamental para que o ouvinte possa ser inserido no jogo, situado em cada ponto, detalhe que é trazido pela narração. Na TV, a narração é mais pausada. Têm-se tempo para acrescentar uma informação ou outra, que ajuda o telespectador a ficar ligado na transmissão.

4- Na linguagem correta, na informação precisa, na condução inteligente do evento. Por isso, leitura e um bom estudo daquilo que vai se narrar, são fundamentais.

5- Eu não tenho nenhum. Mas, acredito que surjam a partir de um lance que mexe com a criatividade e que "pede", de certa forma, uma palavra diferente e que vai ficar caracterizada como um bordão.

6- A interação precisa ser feita com inteligência, sabedoria. Filtrar as mensagens, antes de levar ao ar é crucial. Só interagir, na minha opinião, quando for algo bastante relevante.

APÊNDICE O – JAIME JÚNIOR, NARRADOR TV GLOBO BH (em 10/06/2015)

1- Foi natural. Foi acontecendo. Narrava os campeonatos de futebol de botão do meu bairro. Depois evoluiu para o vídeo game. Na adolescência eu subia na laje dos vestiários dos campos de futebol pra narrar com o meu gravador na mão. Aí veio o rádio, e TV...

2- No rádio, Willy Gonzer e Alberto Rodrigues. Ambos da Rádio Itatiaia.

Na TV, Galvão Bueno, Luis Roberto e Rogério Correa. Hoje a minha principal referência é o Rogério. Sou fã dele. É meu colega de trabalho e sempre está disposto a ajudar.

3- Existem. O carioca tem um jeito mais despojado. É o mais fácil de identificar.

Acho o rádio mineiro mais parecido com o paulista.

4- Descrever os lances com a máxima perfeição possível. No nosso caso, buscar o equilíbrio entre os dois times. No rádio é diferente. É permitido torcer pelo time da sua cidade. É assim também em vários lugares do mundo. As narrações são mais apaixonadas. O redação AM do sportv mostra isso sempre.

5- No meu caso, não gosto muito dos bordões. Tenho apenas um, na abertura da transmissão. Chegou a hora!

A narração na tv é mais pausada e você não precisa ser tão específico na hora de descrever. A imagem está mostrando. No rádio o torcedor não está vendo. Então é legal dizer que o jogador está perto da área, ao lado da área, que a falta vai ser a mais ou menos 10 passos da área. No rádio se você diz que a bola passou perto da trave o torcedor não vai te contestar. Ele não viu. Na tv se você falar que a bola passou perto da trave e a imagem mostrou que passou longe o torcedor vai dizer que o narrador está vendo outro jogo.

6- No meu caso, não tenho rede social. Sempre acontece a interação na rua. Gosto de parar pra conversar. Procuro sempre dar atenção.

APÊNDICE P – LUIZ CARLOS JR, NARRADOR SPORTV (em 10/06/2015)

1 – Não houve interesse inicial. Na verdade, minha carreira, basicamente, é fruto de um acaso. Eu comecei a trabalhar em rádio porque um amigo meu me disse que ia trabalhar, estava gravando uns pilotos, se preparando para começar a trabalhar. Eu fui com ele como amigo, para ver, achei engraçado, me interessei, gravei um pouquinho. Acabei fazendo um teste e sendo contratado. De certa forma a mesma coisa aconteceu em relação à narração. Depois do rádio eu gravei pilotos de apresentação na TV Globo, apresentação do Globo Esporte. Foram esses pilotos que me levaram a ser contratado pela Globosat, na primeira leva, no primeiro time do TOP SPORT, que era o SporTV da época, e eu seria apresentador . Acontece que não tinha estúdio, não tinha programa para ser apresentado. Então eu tive que narrar a princípio programas, se não, não teria utilidade, então tive que narrar programas. Primeiro fiz a linha jovem, em programas radicais de skate, surfe, neve. Surgiu a oportunidade de narrar um jogo de vôlei, porque o narrador do jogo de vôlei escalado não apareceu. Eu tinha jogado vôlei, então narrei. Gostaram, fiquei narrando vôlei, um dia aconteceu isso com basquete, depois com futebol. Nunca houve interesse específico, “quero ser um narrador”. Nunca pensei em ser narrador na vida. Mesmo trabalhando em televisão, minha primeira ideia era ser apresentador, não narrador.

2 – No momento que eu tive que narrar, eu precisei buscar alguma referência. Obviamente, era os dois narradores da época: Galvão Bueno e Luciano do Valle, foram os dois que cresci ouvindo. Mais o Galvão, porque o Luciano saiu da Globo no início da década de 80, então na minha adolescência, quando consolidei meu gosto por televisão, quem eu mais via era o Galvão. A referência inicial do Luciano e do Galvão, mas mais do Galvão do Bueno.

3 – Acho que tem duas vertentes, aliás com subdivisões. Existe o narrador que trabalhou em rádio, narrando rádio e que traz isso para televisão. Com uma necessidade maior de descrever a jogada. Eu cito um exemplo que nunca uso em televisão: “fulano chutou com o pé direito”. Eu presumo que o cara está vendo isso em casa. Obviamente, no rádio funciona, você tem que situar toda a ação, na televisão não há necessidade. Alguns narradores, como eu, que começaram narrando na televisão. Fiz rádio FM, anunciei música em rádio. Então, acho que há um casamento. Narrador de televisão como eu, obviamente, tem que descrever alguma ação porque é a história da narração esportiva no Brasil. Por outro lado, você está vendo boa parte da ação, na verdade a ação inteira. Narrar em televisão reside no equilíbrio em descrever

e entender que o cara que o cara está vendo aquela ação. Você tem, num primeiro momento, um cara que descreve mais, que narrou no rádio, que tem essa necessidade, ou que tem esse hábito e o cara que descreve menos, que tem uma linguagem mais televisiva, mais adequada à linguagem da televisão, e uma outra situação importante também que envolve diferenças é quem usa e quem não usa bordões. Eu, particularmente, não uso bordões, não gosto da utilização de bordões, não é o meu estilo de narração, porque eu entendo que, ao longo do tempo, você é marcante pelo que você fala, do jeito que você fala, na inflexão que você usa, nas repetições verbais, nas repetições de palavras, eu não acho que há necessidade de ser marcante utilizando um bordão. Apesar de reconhecer que um bordão marca a narração, ele está ali para isso. Eu, a princípio, não utilizo bordões.

4 – Complementando a resposta três. O que pauta o narrador de televisão é a precisão. Para mim, muito mais importante que o bordão, é saber, acertar exatamente quem está com a bola, porque o telespectador em casa está vendo, ele conhece, é o time dele. Se você chama o Neymar de Robinho, o torcedor do Santos da época saberia, “não cara, esse não é o Robinho, é o Neymar”. Ele te corrige na hora, eventualmente com xingamentos. Acho que muito importante para a televisão é ser preciso, porque em casa quem está te vendo tem a oportunidade de conferir se você está certo ou errado, diferentemente do rádio, que ninguém está vendo. Uma coisa que eu desenvolvi: instintivamente, ao longo do tempo, muita gente diz que minha narração é emocionante, é muito importante você estar no tom adequado, transmiti a emoção do evento, do jogo, mas num tom adequado. Sem que você esteja acima do evento, para não parecer um delirante gritando, transmitindo uma emoção que o evento não traz. Obviamente, não estar abaixo, num jogo emocionante, você estar com uma narração morta. São duas coisas que considero importante: você ser muito preciso o tempo inteiro em relação a ação e preciso também no tom que está utilizando para contar as histórias. Como diz o Galvão, o narrador é um contador de histórias, o Galvão diz que é um vendedor de emoções, mas acima de tudo é um contador de histórias. Ele conta uma história que está acontecendo naquele momento. Você tem que ter precisão, vocabulário, incrível rapidez de raciocínio. Obviamente cultura esportiva e pessoal, porque em vários momentos da narração surgem situações onde você tem que buscar uma cultura geral, não cultura esportiva, você tem que ter um embasamento cultural. Obviamente isso representa você verbalizar melhor. Um exemplo: eu busco o tempo inteiro variar a utilização dos verbos: “fulano toca, fulano passa”. Se não fica assim: “Neymar toca para Robinho, Robinho toca para Felipe Luís, Felipe Luís toca para David Luiz”. Então vou variando como vou descrevendo o lance. Tenho o tempo

inteiro na cabeça, “opa, repeti, não posso repetir. Usei o verbo tal, vou usar o verbo outro. Estou há um minuto e meio no tom lá em cima, deixa eu descer o tom”. A narração é uma música, é um cantar no ouvido das pessoas. Você tem que ter variações de ritmo, de tom, de velocidade e utilizar pausas.

5 – Como já falei anteriormente, não gosto da utilização de bordões. O que acho que acontece é que a gente acaba repetindo um jeito de falar. Então, no meu caso específico, acabei reparando, através de redes sociais, por exemplo, que as pessoas me escreviam falando assim: “no peito, na grama”, que era uma situação que eu usava na narração, o cara mata no peito, a bola bate na gram. Eu falava: “Neymar, no peito, na grama” e isso para as pessoas vira um bordão, vira algo parecido com um bordão. Aí que eu digo que não vejo a necessidade de buscar um bordão, essas coisas surgem naturalmente e as pessoas entendem que você se torna característico através dessas coisas. Eu prefiro ser reconhecido, que minha narração se torne característica, pela precisão, pelo tom, pela adequação e pela emoção. Há quem prefira os bordões, aí o cara busca o bordão que acha que vai ser marcante, algo que vai marcar a transmissão dele. Eu acho mais legal, mais gratificante, ser reconhecido pela precisão.

6 – Hoje em dia, já citei redes sociais, onde estão em contato com a gente. Tem muitos elogios no Twitter, mas tem muitos xingamentos, o torcedor do Twitter é muito agressivo, digamos assim. As de mais plataformas, Facebook, Instagram, são tranquilas, então tem muita interação através de redes sociais. E tem muita interação na rua, o narrador quando se torna razoavelmente conhecido, quando anda na rua, tem o feedback do torcedor que procura, que comenta. Basicamente, o cara quer falar “gosto de você, acompanho sua narração” ou “ah, você falou mal do fulano”, aliás isso é uma bobagem. Eu não sou um narrador de emitir muitas opiniões, acho que o narrador narra, o comentarista comenta, e o repórter reporta. Então não emito minha opinião, utilizo muito questionamento, questiono o comentarista. Então, tem muito disso: o cara te encontra na rua quer bater um papo, quer dizer a opinião dele a respeito de tal jogo, jogador ou situação, quer bater foto, selfie. Hoje em dia o SporTV cresceu muito e eu me sinto muito mais atingido, sou mais conhecido do que era anos atrás. O fato de narrar na Globo, para se ter uma ideia do tamanho do SporTV hoje, narrar na Globo, na quarta-feira a noite, que é o horário nobre do futebol, dando vinte e tantos pontos de audiência, que foi o meu caso nos jogos que narrei na Globo, nunca mudou nada na minha vida em relação a minha exposição. Acho que o SporTV hoje é um canhão. Você vai na rua e as pessoas te conhecem, falam eventualmente com você, pedem uma foto. Hoje, o tempo

inteiro tem contato com quem te assiste. Uma vez que você faz um agrado, dá atenção, dá um sorriso, tira uma foto, o cara vai gostar de você para sempre. Ao passo que se você fizer o contrário, o cara vai, eternamente, te olhar na televisão e falar “isso é uma marrada danada, esse cara é um mascarado”.

APÊNDICE Q – LEANDRO COLARES – TELESPECTADOR SUDESTE (em 06/06/2015)

1 - Gustavo Villani, do Fox Sports.

2- Acho que o Gustavo, atualmente, é quem melhor consegue dosar a informação e a emoção. Particularmente, gosto de narradores que têm algumas características de rádio, especialmente do rádio paulista, que tem o estilo mais rápido. Villani, até por ter saído do rádio recentemente, ainda tem muito desse veículo. Villani conta com boa quantidade de informações nos jogos que transmite e tem emoção necessária na voz para fazer "crescer" a partida. Gosto também da sua maneira de colocar a voz e o cuidado que tem para que ela saia sempre o mais próxima possível do ideal. Além disso, consegue "poetizar" as descrições dos gols como poucos, escolhendo bem as palavras que mais têm chance de emocionar quem está assistindo.

3- Atualmente, não muito. Embora os narradores de TV sigam redundantes, como no grito de gol em diversas outras situações que são óbvias para quem está assistindo, esses recursos já se incorporaram às transmissões, de modo que é difícil dissociá-los. Talvez só Silvio Luiz conseguiu uma fórmula realmente diferente nesse sentido. Objetivamente, as semelhanças ocorrem na tentativa de emocionar em lances agudos e na descrição do que está acontecendo em campo, mesmo que isso seja feito de formas e com intensidades diferentes.

4- Não valorizar os lances agudos do jogo. Acho que a função principal do narrador é construir um ambiente emocional para o jogo. Se ele não consegue isso, e não dá ênfase aos lances e às nuances de uma partida, desagrada. Desagrada também o narrador que não conhece sobre o que está transmitindo. Ou seja, não está munido de informações o suficiente para abastecer a transmissão. Portanto, falta de informação e emoção é o que desagrada.

5- Não.

6- Há diferenças consideráveis, de emissora para emissora, de profissional para profissional. Na TV aberta, por exemplo, muita gente seguiu o caminho de Galvão Bueno e Luciano do Valle, que sempre procuraram dar emoção e grandiosidade aos eventos. Tal característica pode ser percebida em diversos narradores que vieram depois deles. Emoção e grandiosidade

também são características de narradores do Esporte Interativo, por exemplo. No entanto, a narração por lá costuma ser mais "gritada", com tom mais alto. Dá para perceber a predileção pela irreverência também nos narradores de lá. Enquanto isso, há também um padrão mais sóbrio, especialmente no SporTV e na ESPN Brasil, de narradores que buscam mais a informação e têm uma locução mais "conversada", talvez. Ainda que haja diferenças entre profissionais. No SporTV, por exemplo, Luiz Carlos Júnior é claramente mais emocional que Milton Leite, que é claramente mais irreverente que o colega.

APÊNDICE R – LAURA LORENZONI – TELESPECTADORA NORDESTE (em 11/06/2015)

1- Galvão Bueno.

2- É mais dinâmico e se mostra mais próximo do público.

3- Não.

4- Descrição exagerada.

5- Não. Não costumo interagir nem fazer sugestões.

6- Não tanto.

APÊNDICE S – GIOVANE REZENDE – TELESPECTADOR SUDESTE (em 15/06/2015)

1 - Varia muito, pela emoção e descontração, Milton Leite, do Sportv. Pela informação, Paulo Andrade, da Espn. Hoje, prefiro o Paulo.

2- Gosto do estilo de narração dele, onde mistura informação e uma certa pitada de bom humor, na medida certa e um bom link com os comentaristas.

3- É diferente. Enquanto o do rádio precisa descrever mais o lance, o de TV tem de apresentar algo novo, já que o espectador está tendo a visão do jogo, junto com toda a informação visual. Vejo semelhanças apenas nos momentos chave, como gols e lances importantes, onde é importante passar a emoção ou até mesmo a perfeita descrição para o espectador.

4- Opiniões fora de hora, já que o comentarista está ali para isso e o achismo que isso acaba produzindo. Se o narrador tem repórteres e comentaristas, ele não tem necessidade de tentar emitir opinião ou informação, sem estar devidamente embasado sobre o assunto.

5- Já mandei mensagens durante o jogo com opiniões sobre o desenrolar da partida, mas nunca sugeri nada. A não ser algum complemento de informação, quando o narrador comenta sobre alguma coisa na partida e ninguém da equipe possui uma informação que eu conheço. Se eu estou ligado no jogo, costumo mandar. Isso acontece em partidas da Copa do Brasil, por exemplo, quando se trata de alguma informação muito obscura sobre algum time de menor expressão.

6- Em alguns casos sim. Apesar de fazer uma narração muito honesta e informativa, o Milton Leite tenta pegar o lado mais divertido do jogo, o lúdico da partida, de certa maneira, se aproximando do que faz o próprio Sílvio Luiz. Já o Galvão Bueno é muito mais emoção, com mudanças de tom de voz, evocação de dramaticidade. E por aí vai. São diferenças de estilo que, inclusive, colaboram para que cada um tenha um tipo específico de audiência.

APÊNDICE T – ENRICO MONTEIRO – TELESPECTADOR SUDESTE (em 15/06/2015)

1- Galvão Bueno

2- A emoção, ele é geralmente tendencioso, mas tem uma emoção sem igual e, sobretudo, que sabe que ele vende emoção. "Naquele momento decidi deixar de ser vendedor de plástico e passei a ser vendedor de emoção"

3- Não. Acho que o rádio é muito mais coração, pode até faltar um pouco de técnica. A televisão é muito técnica, não podem acontecer erros graves, porque a imagem denuncia.

4- Tentar fazer o que ele não sabe, como detalhar o dia a dia de um jogador, um competidor sem saber muita coisa. Tentar competir com a imagem também nunca é bom.

5- Não, as vezes apenas pergunto coisas no twitter para um ou outro, mas nunca em transmissão.

6-

APÊNDICE U – PALOMA FAUSTINO – TELESPECTADORA NORDESTE (em 15/06/2015)

1- Cleber Machado

2- Acho que ele consegue colocar emoção sem, necessariamente, o fazer de forma exagerada.

3- Apesar de perceber que alguns dos grandes narradores de TV já passaram pelo rádio, na minha opinião, não há tanta semelhança devido ao formato no qual esses meios de comunicação se apresentam. Acredito que cada um se apropria de suas peculiaridades para se fazer.

4- Quando tá ocorrendo algo que não estou entendendo e ele fica comentando exageradamente sem explicar a situação.

5- Não. Nunca fiz isso.

6- Não muito.

APÊNDICE V – JOÃO AUGUSTO – TELESPECTADOR SUL (em 15/06/2015)

1- Luis Roberto

2- Para mim é o mais emocionante. Lembro de Flamengo 5x4 Santos..

3- Não.

4- Alguns não dão emoção, outros falam muita besteira, e eu simplesmente não sinto empatia.

5- Não.

6- Não.

APÊNDICE W – RÔMULO SARDINHA – TELESPECTADOR SUL (em 16/06/2015)

1- Meu narrador preferido em TV é o Luis Roberto.

2- Eu acho que ele consegue passar bem a emoção e tom do evento. Tem um quê de ser um pouco sarcástico em alguns momentos, mas sempre levando informação ao telespectador. O principal para mim. Muito bem preparado.

3- Sim, porque ambos tem de passar tudo que acontece no evento para quem não está no local.

4- Me desagrada quando ele não está por dentro do assunto e não passa corretamente a informação do que está na tela.

5- Não costumo.

6- Sim. Todo narrador tem o seu estilo. Uns servem mais para certos esportes e outros não. Cito o caso do Sergio Maurício. Um excelente narrador. Mas que pouco faz futebol, mas brilha nas lutas e no vôlei, por exemplo.

Ou seja, cada um tem de achar o seu principal estilo de narração. Bordões. Modo de informar.

APÊNDICE X – CRISTIANO BARBOSA – TELESPECTADOR SUDESTE (em 16/06/2015)

1 - Galvão Bueno

2 - Entusiasmo e coloca a emoção pontualmente nas transmissões

3 - Essa pergunta merece um sim e um não. Galvão, principalmente na Copa América de 1989, coloca sim um entusiasmo dos radialistas que por não contarem com o recurso da imagem, sempre tiveram que por no calor da voz a locução. Por isso, não é o caso de outros narradores excelentes, como o Milton Leite, terem qualquer tipo de semelhança, por menor que seja com o outro veículo de mídia que é o rádio. Nesse caso, Galvão é um caso isolado. A imagem vale mais que mil palavras.

4 - Falar o óbvio, interromper o comentarista sem motivo e colocar a opinião dele como a mais importante na transmissão.

5 - Nunca. Sem paciência para isso.

6 - Sempre. São diversos estilos, mas TODOS utilizam de um recurso antigo: o bordão. Tirando isso, um pode querer se impor com a voz mais suave, outro com frases engraçadas, outro tentando expressar emoção (quando possível) até o final.

APÊNDICE Y – LUÍS FELIPE FRANÇA – TELESPECTADOR SUL (em 16/06/2015)

1- No quesito de narrador completo, escolho Paulo Andrade, da ESPN Brasil. Mas em relação à narração como locução, os narradores do SporTV: Jader Rocha, no Futebol, Odinei Ribeiro, no Basquete, e Sérgio Maurício, no Vôlei, me agradam.

2- Paulo Andrade acrescenta bastante informação relevante à sua locução, além de chamar comentaristas no momento certo e de desempenhar outra função além da sua, a de apresentador.

3- Acho que há algumas diferenças: o narrador de TV é mais uma ponte entre o jogo e o comentarista, além de ter uma tarefa de contextualizar o jogo e o jogador "narrado", já o do rádio deve descrever tudo o que acontece, além do jogador que está com a bola deve falar o que ele fez, quem está se movimentando dando opção para o passe, a marcação etc., coisas que facilitam o veículo que não tem a imagem como recurso.

4- Quando, infelizmente, pois sei que faz parte do negócio, o narrador tem obrigações comerciais e de programação de chamar toda hora foguete e outros programas da emissora. Além daqueles que contextualizam muito e perdem lances importantes de jogo.

5- Não, debato mais com os amigos da área.

6- Na questão acima.

APÊNDICE Z – RAFAEL CAMPOS – TELESPECTADOR SUDESTE (em 17/06/2015)

1- Milton Leite - SporTV

2- Irreverência

3- Não

4- Pitacos

5- Não

6- Sim

APÊNDICE A.1 – CAMILA ALMEIDA – TELESPECTADORA NORDESTE (em 17/06/2015)

1- Rembrandt Junior

2- Acredito que a sensação de proximidade que ele consegue levar nas suas transmissões

3- Não! Antigamente eles tinham essa proximidade acredito por fazer os dois ao mesmo tempo! Hoje é bem diferente e essa semelhança acabou sumindo.

4- Muitas vezes a futilidade em alguns comentários. O favoritismo por um time que muitas vezes ficam claras.

5- Não.

6- Vejo! Isso é o que faz muitas vezes a gente gostar de um narrador mais que o outro!

APÊNDICE B.1 – MATHEUS SAMPAIO – TELESPECTADOR SUDESTE (em 22/06/2015)

1- Na maioria das vezes quando falamos de narração de partidas de futebol na TV, no Brasil, temos o nome de um profissional que caracteriza muito o estilo: Galvão Bueno. Sou fã desse grande nome do jornalismo esportivo no país, mas acho que muitas vezes ele comenta demais os jogos e assume um papel que destoa bastante do de narração. Por isso, dentro desse meio da narração na TV aberta o meu narrador preferido é o Luís Roberto.

2- Acho que a maneira dele conduzir a narração de uma partida é bem coesa. Ele não expressa muito suas opiniões ao longo da narração, o que muito narradores fazem hoje em dia; tem um *time* bom para chamar os comentaristas e demais participantes da transmissão; além do seu próprio estilo de narração, que é bem diferente dos demais na TV aberta.

3- Acho que não. O narrador na televisão tem o recurso da imagem a seu favor. Ele atua mais como uma pessoa que está descrevendo o que acontece dentro de campo, além de ser um “fio condutor” para a transmissão, com as chamadas de comentaristas, dados e até mesmo os intervalos. Na TV muitas vezes me parece que o narrador assume mais um papel de apresentador do que o de narrar propriamente dito. No rádio o narrador além de descrever o jogo tem que cativar o ouvinte, já que ele, na maioria das vezes, não vai estar assistindo ao que está acontecendo. É uma narração com muito mais emoção a que acontece no rádio.

4- Comentários e opiniões pessoais prevalecendo durante a narração. Infelizmente na TV atualmente temos alguns nomes que acabam priorizando esse estilo do que a função de narrar os lances da partida em si.

5- Não. Mesmo com os recursos de segunda tela e aplicativos de comentário eu ainda prefiro reclamar sozinho ou com amigos.

6- Sim. Como eu disse anteriormente o narrador na TV tem recursos a seu favor que lhe permitem outra postura e estilo de narração. No rádio a emoção é bem mais intensa do que na TV.

APÊNDICE C.1 – MONIQUE COSTA – TELESPECTADORA SUL (em 22/06/2015)

1- Milton Leite

2- Sabe ser descontraído como o futebol pede, no momento certo.

3- Sim, na emoção da transmissão e no detalhamento de todos os lances que alguns narradores de TV ainda praticam.

4- Falta de emoção na narração e puxar muito o saco de certos jogadores.

5- Não

6- Sim, principalmente a diferença entre as transmissões em TV aberta e fechada.